

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira, realizada sob a orientação científica da professora doutora Ana Maria Mão-de-Ferro Martinho.

Dedico este trabalho à minha família, em especial a minha  
filha recém-nascida *Maria José Calembela Sasoma (Marizé)*.

## **AGRADECIMENTOS**

Desejo expressar os meus sinceros agradecimentos à professora *Ana Maria Mão-de-Ferro Martinho Gale* por ter aceitado orientar este trabalho, mesmo estando extremamente ocupada com outros assuntos de ordem académico-profissional;

A minha gratidão aos colegas do Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas *António Lolino e Correia Domingos Kole Mukuambi* da FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS (FCSH) pelo encorajamento e ao Colega *Márcio Edu da Silva Undolo*, recentemente Doutorado pela Universidade de Évora, por toda a colaboração prestada;

Aos colegas da repartição de Português no Departamento de Letras Modernas do INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO (ISCED) de BENGUELA *Ismael Jafeth Domingos Maurício, Josefina Francisca Bimbi, Natália Valentina Viti, Dinis Vandor Sicala*, pela sua colaboração na recolha de dados;

Eternos agradecimentos a toda gente que, de uma ou de outra forma, contribuiu para o sucesso deste estudo.

Os meus agradecimentos a todos!

## **RESUMO**

Hoje, nenhuma língua está livre de influências de outra língua; fruto da facilidade com que os homens interagem. Uma das consequências desta interação reside na influência da língua de uns sobre a de outros, o que geralmente ocorre com interferência da língua materna (LM) do indivíduo na sua segunda língua (LS).

Para abordar este fenómeno realizámos em Benguela um estudo que consistiu no levantamento e análise de algumas expressões activas no dia-a-dia dos Benguelenses para detectar elementos de interferência do Umbundu no Português, como resultado da coabitação das duas línguas e desta forma contribuir para estudos linguísticos que visem esclarecer os processos inerentes a coabitação entre línguas africanas e europeias. Para o efeito, levamos a cabo uma análise das expressões inventariadas para melhor compreender as razões que concorrem para ocorrência de tais interferências, as quais se converteram num dos principais elementos na caracterização do português falado naquela região de Angola. Assim, na nossa condição de docentes, se torna absolutamente necessário identificar estes fenómenos, já que eles constituem parte integrante da nossa tarefa quotidiana de orientação das aprendizagens em Português.

Palavras-chave: língua materna, língua não-materna, transferência positiva, transferência negativa, contacto linguístico, interlíngua, erro.

## **ABSTRACT**

No language is free from the influence of another language. This results from the flow of interactions among people today. One of the consequences from this interaction is the influence of one language into another, which normally occurs with interference of one's mother tongue into a second language.

To report this phenomenon, a study that consisted of an inventory of the most daily active expressions in Portuguese was carried out in Benguela to find out items of interference from Umbundu as a result of the interaction/ contact between the two languages and thus contribute to ongoing linguistics studies about the contacts between African and European languages. For that purpose, we carried out an analysis of those expressions to better understand the reasons of such interferences which, in practical terms, become one of the main features of Portuguese in that region in Angola. As teachers we are required to identify and understand phenomenon of this kind, since they are part of our daily job of guiding students in the Portuguese language learning.

Key words: mother tongue, second language, positive transfer, negative transfer, language contact, interlanguage, error.

## ÍNDICE

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Introdução.....</b>  | <b>1</b>  |
| <br>  |           |
| <b>Capítulo I: Abordagem dos conceitos fundamentais.....</b>                    | <b>3</b>  |
| I.1. Língua materna versus língua não materna ou segunda.....                   | 3         |
| I.2. Estrutura da língua versus função da língua.....                           | 5         |
| I.3. Contacto linguístico.....  | 6         |
| I.4. Transferência positiva versus transferência negativa .....                 | 8         |
| I.5. Interlíngua versus erro.....   | 11        |
| <br>  |           |
| <b>Capítulo II. Breve descrição da língua Umbundu no contexto Angolano.....</b> | <b>14</b> |
| II.1. A língua Umbundu em Angola.....   | 14        |
| II.2. A língua Umbundu na região de Benguela .....                              | 18        |
| II.3. Estatuto da língua Umbundu em Angola.....                                 | 19        |
| II.4. Estatuto da língua Umbundu em Benguela.....                               | 21        |
| <br>  |           |
| <b>Capítulo III: Descrição e análise das línguas em contacto.....</b>           | <b>24</b> |
| III.1. Caracterização da estrutura da língua Umbundu.....                       | 24        |
| III.1.1. Classes nominais.....  | 26        |
| III.1.2. Marca do sujeito.....  | 29        |
| III.1.3. Marca do singular e o seu correspondente no plural.....                | 30        |
| III.1.4. Marcas do diminutivo e do aumentativo.....                             | 32        |
| III.2. Formação do plural na língua Portuguesa.....                             | 34        |
| III.3. Paradigmas do diminutivo e do aumentativo.....                           | 36        |
| III.4. Algumas diferenças entre as duas línguas.....                            | 38        |
| III.4.1. Diferenças quanto à formação do plural.....                            | 38        |
| III.4.2. Diferenças quanto ao diminutivo e ao aumentativo.....                  | 42        |

|  |           |
|--|-----------|
| III.5. Análise de algumas frases inventariadas.....  | 44        |
| <b>Conclusões e recomendações .....</b>  | <b>50</b> |
| <b>Bibliografia.....</b>   | <b>52</b> |
| <b>Anexos.....</b>   | <b>i</b>  |
| Anexo 1: Quadro de localização das variantes da língua Umbundu na província de Benguela.....         | i         |
| Anexo 2: Continuação de exemplos sobre regras do plural dos substantivos em Umbundu e Português..... | iii       |
| Anexo 3: Mapa administrativo de Angola.....  | iv        |
| Anexo 4: Mapa etnolinguístico de Angola.....   | v         |
| Anexo 5: Outras ocorrências inventariadas.....   | vi        |

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AC → Análise Contrastiva

AE → Análise de Erros

CL → Contacto Linguístico

CN → Classe Nominal

EPB → Emissora Provincial de Benguela

ERL → Emissora Regional do Lobito

FCSH → Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

IL → Interlíngua

ILN → Instituto de Línguas Nacionais

LA → Língua Alvo

LE → Língua Estrangeira

LU → Língua Umbundu

LP → Língua Portuguesa

LM → Língua Materna

LNМ → Língua Não Materna

L1 → Língua Primeira

L2 → Língua Segunda

LO → Língua Oficial

MS → Marca do Sujeito

MP → Marca do Plural

MD → Marca do Diminutivo

MS → Marca do Substantivo

MPLA → Movimento Popular de Libertação de Angola

TPA→ Televisão Pública de Angola

RNA→ Rádio Nacional de Angola

UNITA→ União Nacional para a Independência Total de Angola

## Introdução

A existência e conseqüente coabitação de mais de uma língua num determinado espaço trazem consigo o cruzamento de valores, crêças, atitudes e comportamentos. Estes factores exercem influência directa sobre as línguas das comunidades em questão. Uma das conseqüências previsíveis nestas circunstâncias é a influência de uma língua sobre a outra, dependendo principalmente de factores como: a) o número de falantes e b) o estatuto e o prestígio que uma língua ostenta na comunidade. Entre os fenómenos mais conhecidos daí decorrentes figuram as interferências.

Este trabalho reporta um estudo realizado em Benguela sobre interferências da língua Umbundu no Português; um fenómeno que pudemos observar em virtude da nossa vivência naquela região de Angola ao longo dos anos, durante os quais fomos notando algumas especificidades nos diversos modos como os seus habitantes falam a língua Portuguesa. A constatação frequente deste fenómeno suscitou em nós o interesse e a necessidade de percebê-lo a fundo e em virtude disso fizemos um levantamento espontâneo de expressões que mostravam alguma característica distinta do Português Europeu (PE). Feita a recolha, procedemos a uma análise contrastiva na base da estrutura das línguas Umbundu e Portuguesa. Desta pesquisa resultou o presente trabalho que intitulamos *'Interferências da Língua Umbundu na Língua Portuguesa na Região de Benguela. Estudo descritivo'* e dividimo-lo em três capítulos.

O capítulo I faz uma apresentação comparativa dos conceitos-chave do tema central deste trabalho e vem composto por cinco secções. A primeira aborda as terminologias língua materna *versus* língua não materna ou segunda língua; a que segue faz uma análise dos conceitos estrutura de língua *versus* função de língua; a terceira secção discute o contacto linguístico, ao passo que a quarta fala da transferência positiva *versus* transferência negativa. O capítulo termina com uma reflexão sobre interlíngua *versus* erro.

O capítulo II consiste numa breve descrição da língua Umbundu e está constituído por quatro partes. A primeira fala da língua Umbundu em Angola de modo geral enquanto a segunda trata desta língua na região de Benguela. As duas últimas

partes fazem uma abordagem sociolinguística da língua em questão, falando do seu estatuto em Angola e na região de Benguela.

O capítulo III presta particular atenção aos aspectos ligados ao contacto entre as duas línguas e está dividido em três partes. A primeira faz a caracterização da língua Umbundu, descrevendo o sistema de classes nominais, a marca do sujeito, a marca do singular e seu correspondente no plural, assim como as marcas do diminutivo e do aumentativo. A segunda parte trata dos paradigmas do plural, do diminutivo e do aumentativo na língua Portuguesa, enquanto a terceira aborda as diferenças entre as línguas Umbundu e a língua Portuguesa no que diz respeito aos paradigmas e marcas a que acabamos de aludir acima. O capítulo termina com análises de algumas frases levantadas no terreno.

À semelhança de qualquer estudo, este pretende chegar a determinados objectivos. Portanto é nossa expectativa que, em virtude do que foi mencionado, este trabalho possa:

- a) Ajudar a ultrapassar algumas insuficiências no âmbito de estudos em linguística comparada, essencialmente os ligados aos fenómenos decorrentes de contactos entre a língua Portuguesa e as línguas bantu em Angola, e deste modo abrir um vasto campo de debates nesta extensa área da linguística, no sentido da valorização institucionalizada das línguas locais de Angola de modo geral e da língua de Benguela em particular.
- b) Se converter num instrumento capaz de ajudar a compreender as razões que levam grande parte dos Benguelenses<sup>1</sup> a usar certos itens da estrutura da língua Portuguesa de forma claramente oposta à própria norma Europeia do Português; uma vez que este fenómeno contribui bastante na configuração bantu que a língua oficial de Angola vai tomando, na província de Benguela ao longo do tempo e para que tal seja entendido como consequência natural da sua coabitação com a língua Umbundu.

---

<sup>1</sup> Em nosso entender, não é só Benguelense aquele que nasceu em Benguela, mas todo aquele que ali reside e que, de um modo ou de outro, adquire hábitos de realização da língua Portuguesa semelhantes aos dos nativos desta região.

## Capítulo I: Abordagem dos conceitos fundamentais

Para uma abordagem capaz de aclarar os argumentos suscitados ao longo deste trabalho, neste capítulo inicial apresentaremos uma panorâmica geral dos seus conceitos basilares. Para começar, passemos de imediato a tratar dos termos língua materna e língua não materna ou segunda.

### I.1. Língua materna *versus* língua não materna ou segunda

Logo à nascença, os seres humanos têm uma forma natural de comunicar entre si. Porque a vida humana encerra um processo inevitável de aquisição cultural permanente, os humanos são logo nos primeiros anos da sua existência levados a usar a fala como instrumento principal de comunicação. Se concordarmos que o uso da fala implica necessariamente o uso de uma língua, se torna igualmente consensual que, precisamos de, em primeira instância adquirir uma língua para a nossa comunicação, a qual é geramente chamada de língua materna entre linguistas e professores de língua. Casanova (2009: 173) afirma;

Língua materna é aquela que o falante adquire durante a infância e que constitui o instrumento com que a criança contacta com a comunidade e forma a sua visão sobre o mundo. A língua materna é, pois, geralmente a primeira língua<sup>2</sup> a ser adquirida. Nunca é aprendida.

Em reforço a esta linha de argumentação, Duarte (2000:15) entende a língua materna como língua natural de uma comunidade linguística, essencialmente quando é ela [língua] que as crianças nascidas nesta comunidade desenvolvem de forma espontânea, como resultado de aquisição da linguagem. Este é também o ponto de vista de Mathews (2007: 23) que define de modo mais preciso a língua materna como aquela que a pessoa adquire naturalmente quando criança. Portanto, achamos deste ponto de vista que a língua materna não se restringe unicamente a um lugar em que o indivíduo (criança) tenha uma estrutura familiar parental (um pai, uma mãe), mas sim a todo um contexto de aquisição da linguagem que acontece no indivíduo, não sendo

---

<sup>2</sup> No entanto, a denominação de primeira língua é por vezes ambígua, pois é também usada para inferir a língua que o falante usa com mais conforto e segurança, podendo pois não ser a sua língua materna (Casanova, 2009: 173).

necessariamente perante seus progenitores. É vital considerar que é nesta altura em que o indivíduo tem a fala como o seu principal meio de comunicação, já que como escreve Kukanda (2010: 4) a língua falada, diferente da língua escrita, começa a ser adquirida pela criança desde que esta nasce, pois os seres humanos nascem com uma predisposição natural para esta forma de comunicação. Ao contrário do processo de aprendizagem que está basicamente ligado ao estudo formal, onde a atenção se volta para a língua na sua forma escrita (Krashen 1988), aqui acontece aquisição que é um processo que decorre na criança (indivíduo) em consequência da sua interação com o meio familiar; resultando em língua materna.

Considerando as reflexões acima, nos parece oportuno fazer distinção entre a língua 1 ou materna e a língua não materna ou segunda. A questão que se coloca diante desta situação prende-se com quando é que uma língua não materna se deve considerar língua segunda e quando é que esta deve ser tomada como língua estrangeira. Em Richards e Schimdt lê-se o seguinte;

In broad sense, [second language], is any language learned after one has learned one's native language. However, when contrasted with foreign language, the term refers more narrowly to a language that plays a major role in a particular country or region though it may not be the first language of many people who use it.<sup>3</sup>

Alguns países em que o Inglês é a língua oficial são exemplos mais evidentes disso: a República Federativa da Nigéria, a Namíbia, o Zimbábwe e assim como os de língua oficial francesa em África, no caso a Tunísia, o Senegal, a Argélia e Marrocos, só para mencionar alguns. Como se pode ler abaixo;

A LS é frequentemente a língua ou uma das línguas oficiais. É indispensável para a participação na vida económica do estado, e é a língua ou uma das línguas, da escola. Por ser língua do país, disponibiliza geralmente bastante *input* e, por isso, pode ser aprendida sem recurso a escola. Ela tem determinadas características que a distinguem de outras

---

<sup>3</sup> Tradução livre. No sentido geral, [segunda língua] é qualquer língua aprendida depois da língua nativa. Contudo quando comparada com a língua estrangeira, o termo refere-se mais especificamente a uma língua que tem um maior conjunto de funções num país ou região, embora tal possa não ser a primeira língua de muitos dos seus usuários (Richards e Schmidt, 2002: 472).

variedades nacionais da mesma língua, características estas que se reflectirão no discurso do falante não-nativo (Leiria, 1999:2).

Um aspecto que nos parece importante reter aqui tem a ver com o facto de a língua segunda, em comparação com a primeira língua ou língua materna, ter o mesmo nível de exposição à comunidade e a mesma utilidade social, por coabitar num determinado meio de forma mais ou menos equilibrada com a língua 1. A isto os linguistas chamam de contacto linguístico, como veremos mais adiante. Quando a língua não materna se aprende num meio formal (escola), e por não desempenhar um vasto leque de funções sociais, chama-se estrangeira; de acordo com Richards e Schimdt (2002: 206). Uma língua estrangeira segundo estes autores não é usada nos meios de difusão massiva, nem é usada com frequência como meio de comunicação oficial do estado. Para cumprir com o seu papel social, as línguas têm uma estrutura própria, como o destacamos na discussão a seguir.

## **1.2. Estrutura da língua *versus* função da língua**

Tudo o que existe tem uma certa estrutura. Vem escrito no Longman Dictionary of Contemporary English que, '[structure] is the way in which the parts of something are connected with each other and form a whole'<sup>4</sup>. Cada elemento da estrutura desempenha um certo papel para o seu pleno funcionamento. Em linguística, a estrutura é descrita do modo seguinte 'structure refers to a sequence of linguistic units that are in a certain relationship to one another' escrevem Richards e Schimdt. Dito de outro modo, a estrutura básica de uma língua assenta numa conexão entre os diversos elementos que concorrem para a construção da frase e produção de um significado.

De modo geral as línguas têm as suas estruturas básicas diferentes umas das outras, a depender principalmente da sua origem; seja bantu como as línguas Umbundu, o Kikongo, o kimbundu, ou de origem latina por exemplo o Português, o Espanhol o Francês ou ainda de raiz germânica como são o Inglês e o Alemão. É oportuno referir que quando pertencem ao mesmo grupo linguístico, as línguas apresentam mais semelhanças ao nível da gramática, do léxico e não só. Ao contrário, as discrepâncias se acentuam com maior frequência entre línguas de grupos

---

<sup>4</sup> Tradução livre. [Estrutura] é a forma como partes de algo estão conectadas umas às outras para formar o todo (Longman Dictionary of Contemporary English, 2009: 1752).

diferentes, por exemplo entre o Umbundu (bantu) e o Português (latino). Voltaremos a falar deste assunto no capítulo III quando tratarmos das diferenças entre a língua Portuguesa e a Umbundu, particularmente sobre os parâmetros do plural, do diminutivo e aumentativo, que são o foco central deste trabalho. Aliada à estrutura da língua, está a função que cumpre um exercício social. Como é que tal ocorre? Richards e Schmidt respondem a esta pergunta dizendo '[Function] is the purpose for which an utterance or unit of language is used. In language teaching, language functions are always described as categories of behavior; e.g. requests, apologies, complaints, offers, compliments.'<sup>5</sup>

Em nosso entender, isto pressupõe a existência de uma certa estrutura linguística para exprimir uma opinião, sugestão, concordância, solicitação, oferta, negação, etc. Quando introduzidas no contexto de instrução formal, estas funções linguísticas atendem às necessidades dos aprendentes de forma mais adequada; visto que o ensino de qualquer língua deve se preocupar em satisfazer as as necessidades reais dos próprios aprendentes. Portanto, quando olhamos para o ensino de línguas, particularmente para a língua segunda ou estrangeira, devemos reflectir sobre o fenómeno de transferência linguística (questão chave deste trabalho), que é resultado do contacto linguístico.

### **I.3. Contacto linguístico**

É de conhecimento comum que as línguas não estão isentas de contacto entre si. A necessidade de comunicação foi desde sempre existindo ao longo da vida humana, ou seja o homem sempre teve a irremediável necessidade de interagir com os seus semelhantes, passando assim a aprender outras línguas e a conhecer outras culturas. Como esclarece Mota (1993: 108-116) 'a língua é uma manifestação social e, como a sociedade, ela é heterogénea'. Desta necessidade de interacção resulta o contacto linguístico; um fenómeno definido por Richards e Schmidt do modo seguinte;

Language contact is a contact between different languages, especially when at least one of the languages is influenced by the contact. This

---

<sup>5</sup> Tradução livre. [Função] é o propósito pelo qual uma locução ou unidade linguística é usada. Em termos de ensino, as funções linguísticas são sempre descritas como categorias de comportamento. Por exemplo, solicitar informação, pedir desculpas, oferecer, lamentar, cumprimentar (Richards e Schmidt, 2002: 215).

influence takes place typically when the languages are spoken in the same or adjoining regions and when there is a high degree of communication between the people speaking them.<sup>6</sup>

Para sermos mais precisos, o contacto linguístico traduz-se no uso de mais de uma língua em simultâneo na mesma região (Thomason, 2001:1). Da-se aqui um certo destaque ao discurso oral, levando-nos à conclusão de que as abordagens sobre o contacto linguístico centram-se essencialmente sobre a interacção oral que os usuários das línguas da situação têm entre si, tornando mais activa a influência de uns sobre outros, tendo em linha de conta que, para além de serem um instrumento, as línguas são acima de tudo um produto social. Daí se mostra adequado retomar as palavras de Richards e Schmidt (2002: 288) de acordo com as quais o efeito de uma língua sobre outra pode afectar aspectos de ordem fonética, sintáctica, semântica ou ainda estratégias de comunicação tais como as formas de saudação, a solicitação de informação e outros, sendo este conjunto de efeitos uma das consequências do contacto linguístico, uma vez que ‘mudança implica variação e que existem mudanças em situações de contacto’ (Mota, 1993: 107-116). Isto reforça a lógica de que as influências, de qualquer natureza, de uma língua sobre a outra, resultam em grande parte da fala, fundamentalmente porque as interacções de natureza oral exercem maior influência sobre o modo como as pessoas realizam a língua, em comparação com a escrita que é uma forma de comunicação mais formal, mais institucionalizada e com menos impacto no dia-a-dia das pessoas. De modo geral a forma escrita é menos usada entre grandes comunidades linguísticas que são, por natureza própria, as que mais produzem as características específicas que uma língua vai tomando ao longo do tempo. Como se tem dito em senso comum ‘é através da maioria que se descrevem os casos’. É por força das grandes comunidades linguísticas que, no caso de Angola, temos a língua Portuguesa com características próprias, como reflexo do seu contacto com as línguas bantu locais. Barros (2011: 30-31) por exemplo, aponta entre outras, as seguintes propriedades do português de Angola, essencialmente o de Luanda: a) a variedade da concordância nominal com a não marcação de plural em todas as partes

---

<sup>6</sup> Tradução livre. Contacto linguístico é o contacto entre línguas diferentes, especialmente quando pelo menos uma das línguas é influenciada pelo contacto. Esta influência tem lugar tipicamente quando as línguas em questão são faladas na mesma região ou nas regiões próximas e quando há um alto grau de comunicação entre os seus falantes (Richards e Schmidt, 2002: 288).

do sintagma nominal, onde se diz por exemplo *vigia as criança*; b) a ausência frequente de palavras de ligação, tal como preposições, conjunções, pronomes, etc. em que se diz, por exemplo, *você pensa eu não te conheço*; c) os nomes pessoais, forma de complemento directo *o, a, os, as* são sistematicamente substituídos pelas formas pronominais de sujeito *eu, tu, eles elas*; em que se diz *deixa ele falar e não diz deixa-o falar*. Torna-se óbvio nestas constatações que o contacto linguístico é das causas principais de mudança e variação linguísticas e por isso é lógico dizer que, como os seres humanos, as línguas não estão isentas de contacto entre si.

A mudança linguística é inevitável e dificilmente previsível. Ela resulta da combinação de diversos factores internos (resultantes da própria estrutura da língua) e externos (resultantes de contactos com outras línguas e determinados pelo contexto geográfico e social). A língua renova-se, porque a sociedade muda. As mudanças nunca são repentinas, mas sim progressivas. Se uma língua morre é porque o seu estatuto na sociedade se alterou, na medida em que outras culturas e línguas a ofuscaram, Barros (2011: 38).

Nesta citação, vale a pena referir-se entre outros, a dois aspectos: 1) a mudança linguística é inevitável; 2) a língua renova-se porque a sociedade muda. Isto significa que as mudanças linguísticas vão em si só provocando renovações, o que resulta em novas formas de realização da língua como consequência natural deste processo longo, lento e progressivo. Outra consequência possível nestas circunstâncias é o aparecimento de uma nova língua ou variedade linguística regional, como os dialectos de zonas fronteiriças e os crioulos, por exemplo, que igualmente ocorrem na base das interferências linguísticas.

#### **I.4. Transferência positiva *versus* transferência negativa**

Devido à sua proximidade no espaço e a sua coabitação, as línguas são passíveis de influências de umas sobre as outras, desembocando em transferências. Nas suas abordagens sobre o assunto, linguistas como Trudgill (1992), Ellis (1997), Richards e Schimdt (2002), vêem a transferência linguística como sendo o efeito directo de uma língua na aprendizagem da outra. Gonçalves (2013:51) escreve que o aprendente de uma segunda língua ou língua estrangeira apoia-se irremediavelmente na língua-mãe

na altura do processo de aprendizagem da língua-alvo. Tal apoio estende-se desde o léxico até ao uso das estruturas morfossintáticas.

Richards e Schimdt (2002: 294) tipificam as transferências em dois: a transferência positiva, também chamada de facilitação; ocorre sempre que alguns aspectos da língua materna do aprendente, partindo dos de ordem lexical até aos de ordem morfossintática são semelhantes aos da língua alvo, o que facilita o processo de aprendizagem. Ringbom (2007: 1) citado em Ellis (2011: 355) escreve: 'os alunos, conscientemente ou não, não procuram por diferenças, eles procuram por semelhanças onde quer que estejam'. Na verdade, quanto mais a segunda língua revela aspectos com os quais os aprendentes se podem facilmente familiarizar, tanto de natureza lexical, fonética ou semântica, tanto mais será a facilidade com que estes assimilam e produzem nesta língua; logo maior será o sucesso no processo de aprendizagem.

A nossa experiência no ensino do Inglês Língua Estrangeira (ILE) diz-nos que quando, por exemplo, um aluno de Português Língua Materna (PLM) encara palavras como *vídeo*, *car*, *television*, *millionnaire* etc, apreende-as com maior facilidade, por serem graficamente semelhantes aos da sua língua e por terem literalmente o mesmo significado. O mesmo acontece com um falante da língua Umbundu ao aprender a palavra Inglesa *blanket* que se parece com a palavra em Umbundu *ombilikiti* cujo equivalente é cobertor em Português (ver Ondusuionali Yumbundu de Daniel, 2002). Portanto nestas circunstâncias estamos perante a facilitação que é um processo evidente, não tanto por ausência total de certos erros - como se podia esperar sob perspectiva das noções comportamentalistas sobre a transferência positiva - mas por haver um reduzido número de erros e também pela taxa de aprendizagem, Ellis (2011: 355). Ao contrário, a transferência negativa também conhecida por interferência reside no uso, por parte do aprendente, de padrões e regras da sua LM; diferentes da LS ou LE, na aprendizagem da língua-alvo (LA), dificultando-o a aprendizagem e levando-o a cometer erros e desvios a norma Richards e Schimdt (2002: 294). Trudgill (1992: 9) reforça esta perspectiva considerando a interferência como consequência de uma mistura de elementos de uma língua para outra, o que tipicamente acontece quando falantes usam uma língua segunda e por causa disso ocorram transferências

inadequadas de elementos gramaticais e não só. Em suma, a transferência negativa acontece principalmente quando os falantes da segunda língua não têm ainda um nível de conhecimento linguístico que se aproxime no mínimo a do falante nativo. Ellis (2011: 350) diz que ‘interferência não é simplesmente uma questão de regresso à língua 1, nem sequer uma simples influência da primeira língua do aprendente porque outras previamente aprendidas também podem ter o seu efeito’. Estas considerações nos levam a deduzir que quanto maior for a comunidade falante de uma segunda língua, maior será a probabilidade de interferências, de várias ordens, da sua língua materna, abrindo hipóteses para o aparecimento de uma nova variante da segunda língua. Deste modo se torna compreensível que em Angola a língua Portuguesa tenha características próprias, conseqüentes do seu contacto com as línguas Angolanas de origem bantu. Tais especificidades notam-se no contexto Benguelense por exemplo, onde a língua Umbundu exerce grande influência sobre a língua Portuguesa. Das mais frequentes constatamos as de ordem fonética onde é claramente notável o emprego do gerúndio fora do prescrito na norma do Português Europeu. Por exemplo, um falante nativo do Umbundu, principalmente do interior do país, com influência da sua língua sobre o Português diria: *O Ndjoão chega nde Lisboa ndentro ndesta semana*, ao invés de *O João chega de Lisboa dentro desta semana*. Esta forma de realização da língua advém da inexistência das consoantes *d* e *b* na língua Umbundu, cuja equivalência nesta língua tem sido atribuída ao *nd* para o *d* e *nb* para o *b*. Assim como neste exemplo, outros casos acontecem como conseqüência do próprio contexto sociolinguístico; já que a língua Portuguesa em Angola, mesmo sendo oficial e a mais falada, se vê confrontada com o papel social das línguas locais.

Em termos gerais, as diferenças entre a língua materna do aprendente e a língua segunda podem se converter numa fonte de erros sistemáticos durante a aprendizagem da língua-alvo, basicamente porque este ainda não ganhou competência suficiente (Ellis, 2011: 48). Um indivíduo cuja língua materna é Português em aprendizagem do Inglês, por exemplo, pode cometer erros de estrutura pelo facto de a ordem das palavras nesta língua ser em grande medida diferente da sua língua. De referir ainda que quando as transferências ocorrem na base do léxico, acontece o que a linguística chama de *false friends* ou *faux amis*; (Richards e Schimdt, 2002: 198)

que consiste numa é uma confusão que o aprendiz faz das palavras que, por terem a mesma grafia que as da sua língua materna levam-lhe a inferir os seus significados de forma errada. Em Inglês temos a palavra *actually*; frequentemente confundida com a palavra *actualmente* em português, levando o indivíduo a dizer *I actually work for the BBC*, não para dizer, *na verdade trabalho para a BBC*, mas para significar *Eu trabalho para a BBC, actualmente*. Neste estágio do processo da aprendizagem o indivíduo adquire a interlíngua definida por competência linguística transitória como veremos com mais pormenores já a seguir.

### **1.5. Interlíngua versus erro**

Segundo Gargallo (2004: 391 e 393), citado por Gonçalves (2011: 21), a interlíngua (IL) é o sistema linguístico característico do falante não nativo de uma língua segunda (L2/LS) ou de uma língua estrangeira (LE) numa determinada etapa do processo de aprendizagem, a qual se constrói de forma processual e criativa, apresentando elementos da língua materna (L1). Este sistema linguístico é único em cada um de nós enquanto aprendentes da L2 ou LE (Gonçalves, 2013:55) que é traduzido de forma bastante apropriada pelo termo *interlíngua*, já que este carrega consigo a ideia clara de que o aprendiz se encontra no espaço entre duas línguas Griffin (2005: 91), citado por Gonçalves (2011). Nesta etapa, o aprendiz não está totalmente na L1 nem totalmente na L2/LE. Ou seja, a IL é uma estrutura linguística intermédia entre a L1 do aprendiz e a língua-alvo (LA). Fernández (1997: 19) denomina-a como um sistema aproximativo, sendo uma fase obrigatória na aprendizagem de uma L2/LE e define-a como sistema interiorizado no indivíduo e que evolui, tornando-se cada vez mais complexo e diferente da LM e da LA, embora apresente uma mistura das duas línguas (Miranda, 2013:51). A mescla entre as línguas em confronto se manifesta em diversos aspectos, como sintáctico, morfológico, fonológico, lexical entre outros (Gonçalves, 2013: 51). De notar que há neste período uma estratificação da interlíngua em estágios caracterizados por erros ocasionais até o aprendiz atingir o estágio de estabilização (Brown, 1987), segundo o qual é também

a este nível que os aprendentes solidificam alguns erros, expondo a fossilização<sup>7</sup> da sua interlíngua.

Para prosseguir de forma mais explícita com a nossa abordagem, se afigura oportuno olhar para duas das asserções sobre o erro. Richards e Schmidt (2010: 201) alertam que é necessário ver o erro tanto na perspectiva da escrita quanto na perspectiva da fala, da parte do aprendente da LS/LE. Para estes estudiosos o erro consiste no uso de um dado item da LS/LE (falada ou escrita) duma maneira que um falante nativo encararia como sendo falta de domínio. Nesta conformidade, faz sentido ver o erro como parte do processo de aprendizagem e como tal não deve sempre ser visto numa perspectiva negativista. Em consenso com este ponto de vista Sousa (2011: 39) diz;

O aprendente [de uma L2 ou LE] é confrontado com o problema de erros sempre que aprende/adquire uma língua. Os erros são actualmente considerados uma característica inevitável da aprendizagem, uma vez que o aprendente está sujeito a cometer erros ao longo do processo de ensino-aprendizagem de uma língua. Neste sentido, o professor deve criar condições didácticas com vista à superação/remediação dos erros cometidos pelos aprendentes.

Nesta citação apela-se para a sensibilidade do professor para que no seu exercício este tenha em conta os erros dos seus alunos, estando por causa disso na posição de um investigador procura de soluções para situações decorrentes do processo de ensino/aprendizagem. Para que tal suceda, o professor deve levar a cabo um trabalho prévio não só de identificação mas também de caracterização dos erros e trabalhá-los conjuntamente com os aprendentes, levando-os a uma aprendizagem cooperativa. Através dos erros, o professor identifica informações valiosas sobre o processo de aprendizagem e deste modo é possível inferir sobre o processo, já que os erros fornecem indicações valiosas sobre que aspectos os aprendentes estão melhor preparados para aprender. Para uma actuação mais efectiva e produtiva nesta

---

<sup>7</sup> Tradução livre. Fossilização é fenómeno em que itens linguísticos (particularmente os erróneos) se tornam permanentes na interlíngua do aprendente. O termo foi usado por Selinker em 1972 em relação ao processo de avanços e recuos em que o aprendente muitas vezes reverte-se para os estádios anteriores (Keith e Johnson, 1999: 135).

direcção, deve-se obedecer a um conjunto de procedimentos baseados numa análise contrastiva (AC) <sup>8</sup> entre a LM/L1 do aprendente a LA.

Terminada a nossa incursão sobre as terminologias interlíngua e erro chegamos ao fim deste capítulo que descreveu de forma comparativa os conceitos fundamentais do tópico desta dissertação. Em vista dos argumentos apresentados entendemos que as línguas são cada vez mais um instrumento e produto maleável ao tempo e à mudança social, o que envolve crenças culturais e toda criação e interesse do ser humano. Por conseguinte elas [as línguas] dependem rigorosamente do contexto local, regional ou nacional em que habitam. Sob esta lógica se constrói não só, as características das línguas, mas também o seu estatuto.

---

<sup>8</sup> A Análise Contrastiva relaciona-se com a comparação entre línguas no que respeita, as suas estruturas lexicais, fonológicas, morfológicas, sintácticas e semânticas, identificando os problemas de aprendizagem e a análise das diferenças e semelhanças entre a LM e a língua-alvo (Sousa, 2011: 45)

## Capítulo II: Breve descrição da língua Umbundu no contexto Angolano

Nesta segunda parte do nosso trabalho, passamos a descrever a língua Umbundu, para que se possa compreender melhor a sua situação real naquele país da zona austral do continente africano. Para fazê-lo falaremos da sua extensão, assim como descortinaremos o seu estatuto por Angola.

### II.1. A língua Umbundu em Angola

Angola é um país com uma grande diversidade etnolinguística, dada a sua extensão geográfica; definida nos limites fronteiriços herdados da administração Europeia que na época não tomou em consideração as fronteiras culturais e étnicas dos povos de África. Este país africano de língua oficial (LO) Portuguesa tem as seguintes línguas africanas, oficialmente reconhecidas pelo estado: Umbundu, Kimbundu, Kikongo, Tchokwe, Nganguela, Oshikwanhama, Oshihelelo, (veja-se o mapa na página 17; de Fernandes e Ntondo, 2002), além de outras pertencentes a outros grupos étnicos não bantu, com particular destaque para os Khoisan, frequentemente apontados como tendo sido os primeiros povos primitivos a habitar as zonas Equatorial e Austral de África (Da Cruz, 1940), conforme citado por Nzau (2011: 47), assim como os Vátua que são por isso considerados os primeiros povos a habitar o território que hoje é Angola.

O maior grupo desta vasta diversidade étnico-linguística é Ovimbundu<sup>9</sup> que, como tem sido apontado por vários linguistas constitui 37% da população angolana (Levinson 1998; Stead e Rorinson 2009; Shoup 2011). De acordo com Malumbu (2004: 58), o nome Ovimbundu, povo cuja língua é Umbundu, resulta da evolução semântica do nome *muntu* (*munthu*) que, em expressões linguísticas africanas de raiz bantu próximas a este nome toma o significado de pessoa. Esta língua do centro de Angola estende-se por vastas regiões do país. Dito de outra forma, 'a área própria da língua Umbundu abrange, desde o litoral de Benguela até ao luso [hoje Bié], na linha oeste-leste de norte a sul, vai desde parte do Seles e kwanza sul até ao paralelo 15, perto da

---

<sup>9</sup> De acordo com o senso decorrido em Angola em 1987, até naquela altura o Umbundu já tinha um número maior de falantes das línguas locais; com um total de 2500.000 pessoas (ver Mingas, 2000: 35). É importante sublinhar que o último censo realizado em Angola, decorrido no ano de 2014 não levantou dados sobre o número de falantes das línguas locais.

Matala', (Valente, 1964: 373). Para sermos mais precisos, este espaço abarca as províncias do Huambo e do Bié, expandindo-se por toda extensão de Benguela, pelo nordeste da Huíla, pelo norte do Namibe e pelo sudeste do Cuanza sul. É importante dizer que por causa de vários factores decorrentes da guerra civil em Angola, esta configuração pode ter sofrido alguma mudança, pois como foi dito no capítulo anterior as línguas vão-se alterando à medida das circunstâncias, e por isso nos parece plausível dizer que nos dias de hoje a extensão desta língua por Angola já não se confina apenas às suas províncias tradicionais, como observado há muitos anos, nem unicamente ao espaço Angolano. A língua Umbundu atravessou fronteiras até ao sul de Angola, estende-se a zona norte da Namíbia, até a parte ocidental da Zâmbia, junto da fronteira leste com Angola; levada por refugiados angolanos nestes países vizinhos. Pelo seu número de falantes nativos, esta língua exerce influência considerável sobre o modo como os Ovimbundu realizam a língua portuguesa. Afinal quanto maior for o número de falantes de uma LM, maior será a sua influência sobre uma LS.

No espaço geográfico angolano, o Umbundu tem como línguas vizinhas o kimbundu no Cuanza sul e Malange, o Tchokue nas províncias da Lunda sul e do Moxico, o Nganguela no kuando-Kubango, Olunyaneka na província da Huíla e os Oshihelelo na província do Namibe; veja-se o mapa na página 17, em correspondência com os anexos 3 e 4, para melhor compreensão. Nestes espaços fronteiriços acontece o *continuum dialectal*,<sup>10</sup> uma situação em que dialectos regionais vizinhos e pouco distanciados, particularmente em zonas rurais e tradicionais diferem pouco entre si. Ao contrário, quanto maior for a distância do ponto de contacto, mais acentuada se torna a diferença entre dialectos (Trudgill, 1992:24). A figura 1 ilustra este ponto de vista com maior precisão. A nosso ver, este fenómeno linguístico não acontece só com duas línguas distintas, mas também com um conjunto de variedades componentes de uma língua específica.

Portanto quando falamos sobre *continuum dialectal* devemos ter em conta a distância geográfica entre as línguas em causa, como descrito abaixo.

---

<sup>10</sup> *Continuum dialectal*, também chamado de contínuo dialectal, é o termo utilizado na linguística para denominar o conjunto de dialectos falados ao longo de uma área geográfica extensa, que apresentam apenas diferenças ligeiras nas zonas geograficamente próximas, e que perdem gradualmente a inteligibilidade mútua à medida que as distâncias se tornam maiores, chegando mesmo a desaparecer esta inteligibilidade (Wikipédia, a enciclopédia livre).

If we travel from village to village, in a particular direction, we notice linguistic differences which distinguish one village from another. Sometimes the differences will be larger, and sometimes smaller, but they will be cumulative. The further we get from our starting point, the larger the differences will become.<sup>11</sup>

A relação horizontal de uma língua com a outra é um factor importante na interacção entre falantes de um(a) dialecto/língua A e de um(a) dialecto/língua B, como mostra a nossa ilustração abaixo. Quanto mais próximas forem as localidades dos falantes, mais facilmente estes se entendem, já que passam a partilhar muitos dos aspectos comuns das suas línguas.

**Figura 1. Ilustração do Continuum Dialectal**

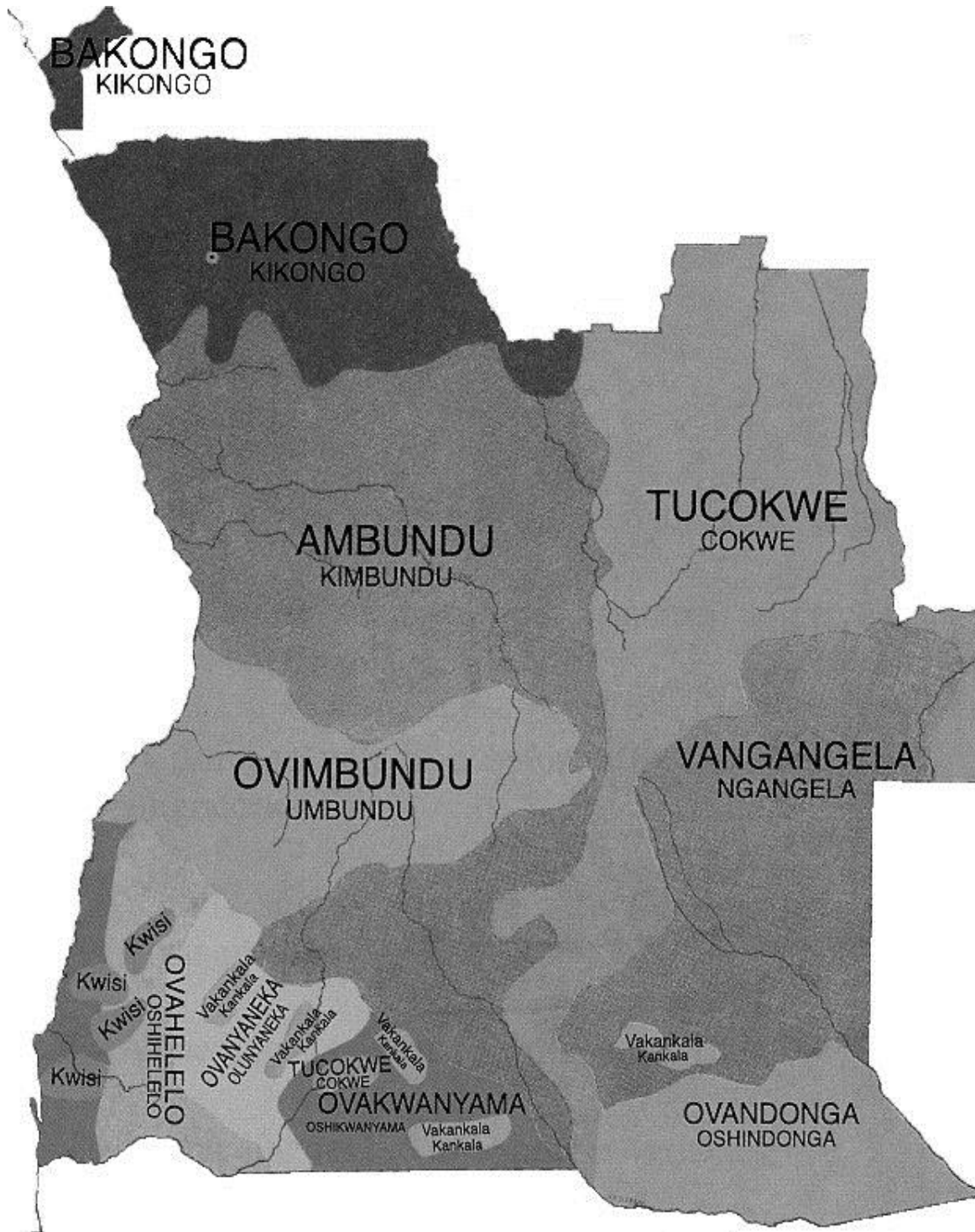


Se analisarmos a situação da língua Umbundu em Angola com base no esquema exposto, poderemos perceber que esta língua tem variadíssimas probabilidades de contribuir para a construção de uma série de continuuns dialectais pelo país, em virtude das suas fronteiras com um vasto leque de outras línguas bantu tradicionalmente originárias das províncias vizinhas. Em suma, falar da língua Umbundu implica não só descrevê-la no contexto do espaço nacional angolano, mas também abrir um debate ao nível do seu contexto numa província específica. A secção seguinte sugere uma reflexão sobre a língua Umbundu em Benguela.

---

<sup>11</sup> Tradução livre: Se viajarmos de uma aldeia para outra, numa direcção única direcção, notaremos diferenças linguísticas que distinguem uma da outra aldeia. As vezes as diferenças serão miores, as vezes menores, mas serão sempre cumulativas. Quanto mais nos afastamos do ponto de partida, mais as diferenças de se tornam evidentes (Chambers e Trudgill, 1998: 5).

Figura 2. Mapa dos grupos etnolinguísticos de Angola (Fernandes e Ntongo 2002)



## II. 2. A língua Umbundu na região de Benguela

É frequentemente afirmado pelo sítio ethnologue não haver dialectos oficialmente conhecidos da língua Umbundu, na região de Benguela. Contudo estudos recentemente realizados indicam que naquela região existem quatro subgrupos etnolinguísticos principais: os Hanha (Muhanha) os Nganda (Munganda), os Tchisandji e os Quiaca/Tchiaca (Tchiyaka), que são um subgrupo etnolinguístico localizado no nordeste e no leste de Benguela, na fronteira com a província do Huambo pelos municípios da Ganda e do Balombo, e que se encontram em maior número na província do Huambo (Nbalote, 2008: 8). Estes subgrupos compõem o Umbundu de Benguela; caracterizado em grande medida pelos subgrupos Hanha/Munhanha e Tchisandji, na medida em que estes ocupam grande parte do território desta província. Vejamos que;

As variantes da língua Umbundu presentes na província de Benguela são: Tchisandgi, Muhanha, Munganda, Tchickuma e Tchiyaka/Wambu. Porém, em algumas localidades que fazem fronteira com as províncias vizinhas cuja língua nacional/ materna não é o Umbundu, regista-se a presença de variantes tais como Ndombe, Sele, Kwisi e Nhaneka-Humbi (Nbalote, 2010: 8).

Importante referir que os municípios do Bocoio, Cubal, Caimbambo, Chongoroi, o interior do Lobito e o sudoeste da Ganda na fronteira com o Cubal constituem o território Hanha e Tchisandji; para mais detalhes ver o anexo 1. Apesar da sua base fundamentalmente Hanha e Tchisandji, o Umbundu de Benguela ganha importantes influências externas de outros grandes subgrupos étnicos oriundos do interior do país, nomeadamente das províncias do Huambo, do Bié e do nordeste da Huila, cujos povos se instalaram na província de Benguela, com maior incidência na faixa litoral, em consequência da guerra civil; fundamentalmente durante a guerra pós-eleitoral de 1992 à 2002. São influências deste tipo que, de modo geral dão corpo a variante específica da língua Umbundu naquela região, a qual afecta a realização do Português.

Essas análises remetem-nos ao argumento de que nenhuma língua está isenta de interações com outras línguas, partindo do facto de que as línguas coexistem com

o homem que ao longo da sua existência sempre teve necessidade de comunicar com os seus semelhantes na busca de soluções para problemas que o afligem. Este ponto de vista espelha com bastante clareza que as línguas sempre sofreram processos internos e externos de transformação até chegarem a forma que hoje conhecemos. O Umbundu não é isenção a esta regra lenta e espontânea. Por estes factos, se torna imprescindível falar do seu estatuto.

### **II.3. Estatuto da língua Umbundu em Angola**

A língua é dos instrumentos sociais mais utilizados pelo homem; por isso se torna natural analisá-la do ponto de vista do seu estatuto num contexto social específico. Voltando ao que afirmamos antes, o Umbundu é a língua bantu mais falada em Angola com cerca de 37% de falantes nativos, muitos dos quais, senão a maioria, têm-na como língua única. Isto sugere um olhar sobre o estatuto da língua Umbundu em Angola e na província de Benguela. *Que estatuto se confere a esta língua naquele país?* Tal como acontece com outras línguas de raiz bantu, o Umbundu vai lentamente ganhando prestígio nos meios oficiais do estado, com maior destaque na comunicação social; na Rádio Nacional de Angola (programa asapulo), na televisão (jornal nacional, programa ondjla), na imprensa escrita (jornal ondjango da cidade do Huambo) no teatro (campanhas de sensibilização comunitária) e noutras diversas formas de comunicação e interação social.

Apesar deste progresso notável, que se deve sobretudo a necessidade de comunicação/informação entre povos, ao esforço do INSTITUTO DE LÍNGUAS NACIONAIS (ILN); com promoção periódica de debates sobre línguas nacionais (o II encontro realizado em Setembro de 2004 em Luanda, o III em 2008 realizado no Huambo e o IV realizado em 2010 na cidade do Uíge), das igrejas cristãs, das associações cívicas e instituições anónimas; há ainda muito a fazer para o avanço que se pretende alcançar com vista ao uso desta língua nos sectores formais da vida de Angola. Um dos factores desfavoráveis a qualquer esforço que se faça no sentido da inserção desta nas instituições oficiais do aparelho do estado é o facto de a grande maioria de falantes nativos da língua Umbundu ser analfabeta na sua própria língua.

Por isso nos parece necessária a criação de um sistema de alfabetização nacional mais funcional, com investimentos eficazes na formação de quadros em centros

especializados, no sentido de se resolver este, que nos parece ser um dos mais sérios problemas em Angola. Esse é, na nossa perspectiva, um caminho necessário com vista o alcance soluções sustentáveis, na intenção de se elevar o estatuto das línguas nacionais de Angola com efeitos inclusivos para a língua Umbundu. Assim seria pouco relevante evocarem-se razões de remanescência colonial e de conflito interno como factores impeditivos para o alcance deste objectivo. A proposta de lei sobre o estatuto das línguas nacionais, apresentada pelo Ministério da Cultura da República de Angola em Julho de 2004, é um passo significativo na implementação e normalização do uso das línguas Angolanas nos meios formais porque, e de acordo com o que se lê na referida proposta:

‘elas [as línguas nacionais] são o resultado do esforço de adaptação do nosso povo [povo angolano] ao meio ambiente, pessoas e bens e da sua necessidade de transmissão dos seus saberes e sentires. Na essência elas são o meio de pensar e de comunicar entre elementos de uma comunidade específica, que é a nossa, constituindo, [...] a expressão da real totalidade do seu eu profundo’ (Ministério da cultura, 2004: 2).

O facto de haver programas de rádio e de televisão na língua Umbundu, assim como existência de angolanos de alto *status* social como dirigentes políticos, membros das estruturas governamentais, líderes religiosos (estes desde a implantação do cristianismo) e empresários a usar frequentemente o Umbundu, mostra a necessidade imperiosa desta institucionalização. Esta realidade nos parece uma manifestação clara da necessidade de recuperação deste instrumento sócio-cultural dos Ovimbundu.

O programa de implementação das línguas nacionais no sistema de ensino que ‘visa contribuir para o resgate da identidade linguística nacional e preservar as línguas onde são faladas’ (Chamunhongo, 2010) é, a nosso ver, um passo muito importante com vista a levar as novas gerações não só, a um conhecimento sólido sobre a língua do povo do centro sul de Angola, mas também ao hábito e competência no seu uso frequente e sobretudo diário e consistente à semelhança do que acontece com outros povos da África: os da África do norte, os do Zimbábwe, os da Zâmbia, os da Namíbia, por exemplo.

Como se pode perceber, os angolanos precisam de percorrer um longo caminho para que dentro de alguns anos se possa ver em Angola com maior exposição e frequência trabalhos escritos e discursos falados nas línguas bantu de Angola, tal como o Umbundu, já que tal como sublinhou Kukanda (2007) ‘[as línguas nacionais] podem jogar um papel integrativo para milhares de pessoas que não se reconhecem na língua Portuguesa.’ Depreende-se das palavras deste linguista que as línguas nacionais revestem-se de uma papel integrativo de capital importância, por existirem em Angola milhares de pessoas cuja língua de comunicação é unicamente uma das línguas bantu locais. A ascensão do estatuto da língua dos Ovimbundu como de outras línguas locais depende grandemente de um conjunto de tarefas combinadas, coordenadas e interinstitucionais como o fazem INSTITUTO DE LÍNGUAS NACIONAIS, as associações civis etc., na perspectiva da criação de condições objectivas que evoluam progressivamente para o alcance e estabilização do estatuto do Umbundu no espaço angolano. Como se descreve o estatuto deste língua na região de Benguela?

#### **II.4. Estatuto da língua Umbundu em Benguela**

Ao contrário do que acontece nas províncias do Bié e Huíla onde as línguas tradicionais coabitam activamente com outras línguas nacionais<sup>12</sup>, o Umbundu é a única língua local em Benguela, a semelhança da situação linguística da província do Huambo. Por assim ser, estão estabelecidas as pré-condições para que neste espaço do território angolano esta língua tenha maior facilidade de conquistar e de se estabelecer em ambientes mais formais. Tal como acontece com outras línguas locais pelo país, em Benguela o Umbundu tem o seu espaço social espontaneamente estabelecido, tendo em conta que esta língua se liga ao quotidiano de milhares de pessoas que, mesmo sabendo falar a língua Portuguesa, têm-na como um instrumento válido para sua actividade quotidiana<sup>13</sup>. Como evidência temos o facto de na maioria

---

<sup>12</sup> Na província do Bié o Umbundu convive activamente com a língua Nganguela do Kuando-Kubango e na província da Huila quatro línguas nacionais coabitam, nomeadamente: o Nhaneka-Humbi, o Nganguela, o Oshikuanhama (dialecto da língua Oshiwambo) e o próprio Umbundu. Nesta província a provincial da Rádio Nacional de Angola emite nas quatro línguas, em paralelo com o Português.

<sup>13</sup> Em Benguela por exemplo, à semelhança de outras paragens de Angola, a língua Umbundu é utilizada na comunicação interpessoal, com maior predominância na zona rural; é também utilizada nas actividades culturais, na literatura, na política e na evangelização (Nbalote, 2010: 9).

dos casos, os problemas mais candentes do dia-a-dia serem resolvidos com base nos usos e costumes da língua Umbundu. Afinal;

Cada língua é um vasto sistema diferente dos outros no qual são ordenadas culturalmente as formas e as categorias pelas quais as pessoas não só comunicam como também analisam a natureza e os tipos de relações e de fenómenos, ordenam o seu raciocínio e constroem a sua consciência (Whorf, 1956: 252 citado em Mateus et.al, 2006: 4).

Na província de Benguela, particularmente na sua cidade capital, iste fenómeno social passou a ser mais frequente a partir de 1992, altura em que milhares de pessoas vindas do interior do país passaram a viver nesta cidade forçadas pela guerra pós-eleitoral. Esta grande massa popular, em conjugação com falantes do Umbundu residentes e nativos de Benguela, constituem hoje um importante fundo populacional a partir do qual se podem desenvolver políticas tendentes à valorização e conseqüentemente uso mais generalizado da língua local. Um dos exemplos inequívocos desta realidade é a constatação do estudo de Lucunde, Sicala e Maurício (2008), em que se evidenciou o uso da língua local na EMISSORA PROVINCIAL DE BENGUELA (EPB), na EMISSORA REGIONAL DO LOBITO (ERL), assim como na TELEVISÃO PÚBLICA DE ANGOLA (TPA), esta última em emissão local. Milhares de Benguelenses não têm ligação activa com o português escolarizado, uma vez que grande parte de sua vida está essencialmente ligada com a cultura e língua Umbundu. Daí a influência que essa comunidade linguística exerce sobre a língua Portuguesa, como notaremos em algumas expressões levantadas em campo.

Na província de Benguela existem diversas denominações religiosas essencialmente cristãs, entre as quais se destacam as igrejas católica, evangélica, adventista e tocoista, que usam a língua Umbundu em grande medida. Isto não só eleva cada vez mais o orgulho dos próprios povos, mas também os ajuda a construir um estatuto mais privilegiado da própria língua ao nível local. A crença religiosa reforça o ego das pessoas, contribuindo de forma significativa para o autoconceito positivo e conseqüente crescimento da sua auto-estima. Na igreja católica, por exemplo, as celebrações mais populosas e acaloradas se realizam na língua local e

aliado a isto está o facto de a literatura religiosa estar traduzida e suficientemente disponível em Umbundu; o mesmo ocorre nas igrejas evangélica, adventista e tocoista. Como se pode aferir, esta língua cobre uma grande massa humana em Benguela. Este facto pode servir de base para criação de políticas que visem uma interação institucionalizada das estruturas do estado com as comunidades locais o que contribuiria bastante para que a sua língua não só tenha, mas também mantenha, um prestígio e um estatuto, de facto. As campanhas de sensibilização nos serviços de saúde pública, no registo eleitoral; realizadas na língua local são sinais da importância desta língua de milhares de cidadãos, na definição de políticas públicas do próprio estado. Outro exemplo neste sentido são as campanhas de comunicação pública<sup>14</sup> na altura de eleições gerais,<sup>15</sup> cujo sucesso, em Benguela, tem dependido em larga escala do uso da língua deste povo.

As línguas locais têm um estatuto intrínseco que é, por natureza, construído através dos hábitos, costumes e crenças dos próprios povos, visto que nenhuma língua está dissociada da cultura dos seus falantes nativos. Portanto, pensamos que deve ver-se o estatuto de uma língua não só a partir do tratamento que esta tem das estruturas do estado, mas também e essencialmente da forma como os seus utentes a tratam.

Esperamos com essas asserções ter contribuído para uma compreensão mais clara do estatuto da língua Umbundu num país de grande diversidade linguística, unido pela língua Portuguesa, sendo esta a única que cobre todo espaço nacional. No nosso ponto de vista há ainda muito para fazer, para dizer e para escrever quanto aos estudos linguísticos essencialmente no diz respeito ao que a linguística chama de análise contrastiva, numa perspectiva da linguística comparada. O próximo capítulo se encarrega deste tipo de análise, fazendo um exame comparativo entre o Umbundu e o Português.

---

<sup>14</sup> Em momentos de campanha eleitoral decorrem os chamados comícios em que políticos apresentam os seus programas de governação, falando para multidões de potenciais eleitores, num espaço em ar livre.

<sup>15</sup> Os partidos MPLA (MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA) e UNITA (UNIÃO NACIONAL PARA A INDEPENDÊNCIA TOTAL DE ANGOLA) usam com mais vitalidade a língua Umbundu durante as campanhas eleitorais por Benguela.

### **Capítulo III: Descrição e análise das línguas em contacto**

Ao longo dos anos o homem foi viajando pelo mundo na procura de soluções para os seus problemas, ambicionado melhores condições de vida. Por via disso, como é do domínio geral, a língua Portuguesa chegou ao território que hoje é Angola através do navegador português Diogo Cão junto da foz do rio Zaire em 1482. Esta chegada provocou um longo período de convivência entre os povos aí encontrados e os navegadores, com influências de vária ordem de hábitos de uns sobre os hábitos de outros e vice-versa. Como não podia deixar de ser, um dos elementos directamente afectados é a língua por ser um dos principais instrumentos de comunicação entre povos. A partir desta altura, passou a haver coabitação entre a língua Portuguesa e as línguas locais, resultando em interferências de uma sobre a outra língua, nos mais diversos aspectos do seu funcionamento. Nestas circunstâncias a língua Portuguesa foi tendo um conjunto diversificado de influências das línguas bantu por Angola, levando a que esta tomasse uma característica própria em cada região, em virtude do seu contacto com as línguas locais.

Em Benguela este língua de origem europeia apresenta características particulares, como resultado do seu contacto com a língua Umbundu. Este capítulo trata destas de algumas destas particularidades, estando para o efeito dividido em três partes essenciais. A primeira faz uma caracterização geral da língua Umbundu, começando por apresentar o sistema de classes nominais, a marca do sujeito, a marca do singular e seu correspondente no plural e finalmente as marcas do diminutivo e do aumentativo. A segunda trata dos paradigmas do plural, do diminutivo e do aumentativo na língua Portuguesa, enquanto a terceira faz uma abordagem sobre as diferenças entre as duas línguas no que diz respeito aos paradigmas e marcas do plural, do diminutivo e do aumentativo e termina com análises das frases levantadas em contexto de investigação.

#### **III.1. Caracterização da estrutura da língua Umbundu**

Fazer a caracterização de uma língua bantu como o Umbundu que está codificado em R10 na classificação de Guthrie (1967), implica abordar fundamentalmente sobre elementos que, de modo geral, caracterizam o seu grande

grupo linguístico. Ngunga (2004:50-52) menciona os seguintes critérios que distinguem as línguas bantu das outras.

**A) Critérios principais**

1. Os indicadores de género devem ser prefixos por meio dos quais os nomes podem ser distribuídos em classes, cujo número varia, geralmente, entre 10 e 20.
2. As classes por sua vez devem normalmente estar associadas em pares que opõem o singular ao plural de um dado género. Além dos géneros de duas classes existem géneros de uma só classe, em que se verifica a oposição singular/plural e o prefixo da classe pode ser idêntico ou não a um dos prefixos (seja plural, seja singular) de um dos géneros das duas classes. Outras vezes a oposição pode ser triplicada, podendo, além de se distinguir do plural, também se distinguir dos dois números e do colectivo;
3. Quando uma palavra tem um prefixo independente (PI), prefixo nominal, como indicador de classe, toda a palavra a si subordinada deve concordar com este por meio de um prefixo dependente (PD) ou prefixo de concordância;
4. Não deve haver correlação entre o género e a noção de sexo ou qualquer outra categoria semântica claramente definida. Portanto, dá-se ao termo 'género' um sentido mais vasto, sem referência necessária ao sexo, ou sem analogia clara com a distinção natural, (Bleek, 1869: 94), mas apenas como uma categoria de concordância gramatical.
5. As línguas bantu devem ter um conjunto de radicais (RAD) invariáveis desde as quais se forma grande parte das palavras por aglutinação de afixos, apresentando os seguintes traços:
  - a. Os radicais devem apresentar-se sem afixos;
  - b. Juntando-se-lhes sufixos gramaticais devem formar bases verbais;
  - c. Juntando-se-lhes os sufixos lexicais devem formar termos normais;
  - d. Entre o radical verbal e o sufixo deve ser possível inserir-se um sufixo derivacional chamado morfema de extensão.

Estes são alguns dos critérios através dos quais se distingue as línguas bantu, baseados nos estudos realizados por Guthrie desde 1940 e divulgados perto de 30 anos depois. De acordo com Guthrie (1967: 11), uma das características destas línguas é terem o processo de formação de palavras por aglutinação; por isso uma análise deste processo pode ser baseada no método de fragmentação. Falando particularmente da língua Umbundu, Valente (1964: 47) aponta resumidamente o seguinte:

- a) O radical de uma palavra pode manter-se íntegro, conservar a sua significação e receber uma nova ideia com a classe em que se cataloga;
- b) Numa classe o classificador pode ser um só para o singular e múltiplo no plural, segundo a categoria do nome pluralizado e pode haver uma forma comum do plural para diferentes classificadores.

### III.1.1. Classes nominais

Nas línguas bantu os nomes, vistos do ponto de vista da sua estrutura morfossintáctica, envolvem classes nominais, concordância e derivação. A seguir é apresentada cada uma das classes nominais na base da classificação desenvolvida por Bleek (1869), Valente (1964), Guthrie (1967) e Schadeberg (1990), a partir da qual é descrito o sistema de classes nominais na língua Umbundu.

- 1) A **classe 1** com o prefixo u denota seres humanos. Por exemplo: ulume (homen), ukaî (mulher), ukuendje (jovem), umalehê (rapaz) e tem o plural na **classe 2** com prefixo a. Assim temos: alume, akaî, akwendge, amalenhê.
- 2) A **classe 3** com o prefixo u indica nomes de árvores ou outras plantas, a qualidade moral da pessoa, ofícios, nomes dos animais e partes do corpo humano: upindi (perna), utwe (cabeça), uti (árvore), umbombe (bondade) e tem o plural na **classe 4** cujo prefixo é ovi/ovo:\_ovipindi, ovitwe, oviti, ovombombe.
- 3) A **classe 5** com prefixos e-/i também engloba nomes iniciados em **I** e que em Umbundu têm classificador singular. Esta classe se refere a actividade externa, indica instrumento de trabalho, fenómenos naturais, animais, partes do corpo humano e também serve de aumentativo e expressa o sentido

pejorativo. Vejamos nos exemplos: etemo (enxada), etuî (orelha), endunde (aluvião), elingãlo (camalhão), eyui (louco, maluco), eveke (parvo).

- 4) A **Classe 6** com o prefixo **a** funciona como plural das **classes 1 e 5**. Também denota líquidos, serve ainda como referência de tempo. Nessa classe temos: atemo, atuî, andunde, alingãlo, ayui, anhamo.
- 5) A **classe 7** com prefixos **tchi/otchi** indica partes do corpo, instrumentos de trabalho, denota animais, nomes de doenças e pessoas importantes. É também pejorativa, aumentativa e designa números: otchitele (instrumento), octhitende (demente), tchimbanda (médico), tchinhamo (animal), otchita (cem), otchindjo (casarão) e tem o plural na **classe 8** com prefixo **ovi**. Como exemplos temos: ovimunu, ovitele, ovitende, ovimbanda, ovinhamo, ovita.
- 6) A **classe 9** com prefixos **o/ni** denota animais, pessoas especiais, partes do corpo e instrumentos. Por exemplo: ningui (lobo), ondimba (coelho), ondjali (mãe), osandgi (galinha).
- 7) A **classe 10** serve de plural das **classes 9 e 11**, com o prefixo **olo-ni**. Por exemplo: oloningui, olondimba, olonjali, olosanji, olonelengue, olonsi.
- 8) Com prefixo **lu-olu**, a **classe 11** refere-se a objectos compridos e finos, indica reserva, círculo, habitat. Engloba parte dos vermes e peixes. Tomemos como exemplo: olunelengue, olueyo (vassoura), olunsi (peixe), olunhe (mosca), olumenhe (barata), oluhamwe (mosquito).
- 9) Temos a seguir a **classe 12** que tem sufixos diminutivos e aumentativos **ka-oka**. Por exemplo: okalunelengue, okalueyo, okalunsî, okalumenhe, okaluhamwe.
- 10) Com prefixos **otu-tu** esta **classe 13** faz o singular da **12** e as vezes da **14**. Por exemplo: otulunelengue, otulueyo, otuhamwe.
- 11) A **classe 14**, se refere ao singular de nomes abstractos e coisas incontáveis. Exemplo: ovava (água), ofela (vento).
- 12) A **Classe 15** de prefixo **oku**, refere-se ao infinitivo dos verbos e a algumas partes do corpo. Geralmente leva o plural na **classe 6**. Exemplo: okwenda

(marchar, andar, ir embora), okupapala (brincar), okulo (perna), okutanga (estudar).

13) A **Classe 16** é locativa situacional **po**. Esta classe não tem plural, tem poucas palavras das outras classes. As palavras pondjo (Junto da casa), pomanu (no seio de gente), posicola (junto a escola), ponjila (próximo do caminho), são alguns dos exemplos desta classe.

14) A **Classe 17** é locativa direccional **ko**. Não tem plural, nem tão pouco palavras das outras classes. Exemplo: kondjo (para casa/ a casa), komicola (para/ a escola), konjila junto do caminho.

15) A **Classe 18** funciona como locativa de integridade **mo**. Assim como as **classes 16 e 17**, esta também não tem plural e apresenta poucas palavras das outras classes: mondjo (na casa), mosicola (na escola), monjila (no caminho).

Como se pode ver nesta descrição, em Umbundu a formação do plural não se procede acrescentando **es, oes, eis, ces, s** ao substantivo ou adjetivo, como acontece na língua Portuguesa, mas por flexão do prefixo. Vejam-se as **classes 9 e 10**, onde aparece a palavra *ningui*, (hiena), cujo plural é **oloningi**, por exemplo. Pode-se ver que para a formação do plural da palavra *ningui*, coloca-se o prefixo da classe 10 **olo** no substantivo *ningi* da classe 9; sem acréscimo das letras **s, es, ões, is, ces**, em que ao invés de *oloningi* teríamos *ningis*. É vital sublinhar que regra geral cada uma das classes nominais corresponde a uma ou mais categorias, havendo por outro lado categorias que aparecem em mais de uma classe; as de animais e partes do corpo são os casos mais frequentes. Importa referir que ao contrário de outras línguas bantu, na língua Umbundu não existem palavras para as **classes 19, 20, 21, 22 e 23**. Para Ngunga (2004: 111) os prefixos reconstruídos que foram apresentados nas listas de Bleek e na classificação de Guthrie variam de língua para língua, obedecendo à evolução fonética de cada idioma. Assim, nem todas as línguas comportam 23 classes nominais. Portanto a língua Umbundu ainda não atingiu um nível de evolução que dê cobertura às classes que vão da **19 à 23**. Importa referir entretanto que, apesar disso esta língua tem as suas características tipicamente basedas no grande grupo bantu, tal como foi previamante dito. A seguir falamos sobre algumas destas características, destacando a

marca do sujeito, a marca do singular e o respectivo correspondente no plural, sem deixar de parte as marcas do diminutivo e do aumentativo.

### III.1.2. Marca do sujeito

Os homens descrevem acções, situações, estados ou fenómenos remetendo-os aos seus sujeitos. Na língua Umbundu o sujeito é expresso por um tema/marca associado a uma forma verbal; como é comum nas línguas bantu. Dito noutros termos, todos os nomes e pronomes pessoais podem desempenhar a função de sujeito. Para tal precisam de ter na sua estrutura verbal um morfema co-referente do sujeito. Regra geral, este morfema ocupa a posição inicial da estrutura verbal, segundo Ngunga (2004:156). Veja-se nos exemplos seguintes:

Ame **ndipandula** = Eu agradeço | Ovo **vapandula** = Eles agradeceram.

Omala **vapapala** = As crianças brincam | Ove **wapopya** = Você disse.

Como se pode ver, os morfemas em negrito aparecem no princípio da estrutura do verbo em correspondência com o sujeito representado nas palavras sublinhadas. Ocorre neste caso uma flexão do verbo, através do morfema co-referente do sujeito. Aqui reside uma das diferenças entre a estrutura morfo-sintáctica do Umbundu e a do Português. Repare-se na frase: Ovo **vapandula** por exemplo que, o sujeito **ovo** está na 3ª pessoa do plural, sendo para este o morfema co-referente **va**, enquanto na frase Ame **ndipandula**, **ame** é o sujeito, sendo por isso o morfema a si correspondente **ndi**. Como se vê, os morfemas de concordância fazem a sua flexão dependendo do sujeito da frase e ficam, como o temos dito repetidas vezes, posicionados no início da estrutura verbal, à semelhança do que ocorre na formação do plural, como veremos adiante com mais detalhes.

Numa comunicação mais preocupada com a efectividade e a eficiência da mensagem, ocorre a omissão do sujeito, sem prejuízo para a comunicação como tal. Ngunga (204:157) nos ajuda a perceber este facto com maior clareza quando diz ‘para efeitos de comunicação normal em que o contexto já se tenha constituído previamente, o sujeito vê-se muitas vezes dispensado de aparecer na frase, sobretudo quando este é pronome pessoal’. Retomando a frase: Ovo **vapandula**, numa comunicação em que os interlocutores já tenham percebido o contexto, pode-se

omitir o sujeito, conservando mesmo assim a ideia que se exprime e fica somente **vapandula** que em Português se converte em: *elas/elas* agradecem. Note-se que mesmo dispensando o sujeito, a mensagem que se pretende passar não fica prejudicada. Este caso específico assemelha-se com o que acontece na língua Portuguesa; vejamos que se por exemplo alguém diz: *casou-se em Outubro*, o seu interlocutor entenderá de imediato que o sujeito desta frase é, sem dúvida a 3ª pessoa do singular *ele/ela*. Importa aqui referir que, em Umbundu, enquanto os sujeitos ocorrem de forma facultativa, os morfemas co-referentes a si ocorrem obrigatoriamente, na medida em que o sentido a ser tomado pela frase depende estritamente dos seus co-referentes isto é, os morfemas funcionam como elementos estruturantes da ligação entre o sujeito e o facto a si correspondente. Similar a este processo está a formação do plural, o qual descrevemos seguidamente.

### III.1.3. Marca do singular e o seu correspondente no plural

O processo de formação do plural em Umbundu decorre por prefixação, através da colocação de um prefixo/marca ou tema ao radical correspondente (Valente, 1964). Passamos desde já a tratar detalhadamente da correspondência entre a marca do singular e respectivo correspondente do plural.

Quando descrevemos as classes nominais, dissemos que há um conjunto de classes que correspondem entre si para exprimir a noção de número, nomeadamente as classes de **1** a **11** incluindo as classes **13** e **14**. Estão isentas desta regra as classes **12** (diminutivos) **15** (infinitivo dos verbos) e **16, 17, 18** as quais se referem as classes locativas, situacional, direccional e de integridade respectivamente

O quadro 1 apresenta um resumo da regra de construção do plural na língua Umbundu, de acordo com Valente (1964). Vejamos que, do mesmo modo em que se processa a concordância da forma verbal com a marca do sujeito, aqui o tema/marca co-referente para a formação do plural muda em correspondência com o número expresso pelo sujeito. Com ajuda do quadro passamos a analisar as expressões abaixo, para melhor entendermos este processo.

- a. Ondjo **ya**tekateka (A casa desabou) = **Olondjo** **vyatekateka**.
- b. Etemo **lyan**holehâ (A enxada estragou-se) = **Atemo** **anholehâ**.

- c. Otchimbanda **tcho**tchili (ele é um médico competente) = **Ovi**mbanda **vyo**tchili.

**Quadro 1. Resumo das marcas do singular e do seu correspondente no plural (Adaptado de Valente, 1964)**

| Singular |                   | Plural           |                | Exemplos        |           |
|----------|-------------------|------------------|----------------|-----------------|-----------|
| Class    | Marca             | Class correspond | Marca          | Sing            | Pl        |
| 1        | <b>u</b>          | 2 e 6            | <b>a</b>       | ulume (homen),  | alume     |
| 3        | <b>u</b>          | 4                | <b>ovi-ovo</b> | upindi (perna), | ovipindi  |
| 5        | <b>e-/i</b>       | 6                | <b>a</b>       | etemo (enxada), | atemo     |
| 7        | <b>tchi/otchi</b> | 8                | <b>ovi</b>     | otchita (cem)   | ovita     |
| 9        | <b>o/ni</b>       | 10               | <b>olo-ni</b>  | ningui (lobo),  | oloningui |
| 11       | <b>lu-olu</b>     | 10               | <b>olo-ni</b>  | olunhe (mosca), | olonhe    |

Se tomarmos em atenção os morfemas em negrito notaremos que estes se antepõem aos radicais das palavras para concordar com os respectivos sujeitos. Olhando especificamente para a frase c, note-se que ao sujeito *otchimbanda/ovimbanda* se submete toda a estrutura da frase, havendo em ambos os casos plural e singular uma anteposição dos morfemas que indicam o número e flexionam em concordância com o próprio sujeito. Em virtude destes factos, entende-se que o paradigma do plural tanto dos substantivos, quanto dos adjectivos em Umbundu, tem sido um dos elementos que falantes nativos desta língua frequentemente transferem para a língua Portuguesa, afectando desde já aspectos da mesma categoria. Nas frases abaixo apresentamos três categorias regidas por esta regra.

#### 1. Plural dos Substantivos

Com base nos procedimentos já referidos passamos a descortinar as frases abaixo, tomando em atenção as palavras em negrito. A palavra **vivali** busca o tema **olo**, para a formação do plural de osikaleta, resultando na palavra olosikaleta. O mesmo tem lugar na frase b) em que **vyalwa** se submete ao radical **olo**.

- a) Eye walanda **olosikaleta vivali** (plural) = Ele comprou duas bicicletas.
- b) Eye okwete **olosikaleta vyalwa** (plural) = Ele tem muitas bicicletas.

## 2. Plural dos adjetivos

Como se sabe, os adjetivos expressam uma certa qualidade ou característica de um substantivo. Nos exemplos a seguir mostramos como isto ocorre na língua Umbundu. A palavra **alume** cujo singular é *ulume* tem seu co-referente a marca **va**, em **vapama** na frase a). Em b) temos **olondjo** (plural de *ondjo*) com o seu sujeito e tem a marca **vy** na palavra **vyafina** para concordância.

- a) Pakala vamwe **alume vapama** (plural) = Havia homens fortes.
- b) **Olondjo** vyah **vyafina** tchalwa (plural) = As casas dele são muito bonitas.

## 3. Flexão verbal na 3ª pessoa do plural

Lembramos que na 3ª pessoa do plural a construção obedece aos mesmos critérios. A palavra **Etu** na frase a) tem o co-referente **tu** em **tukasi** e **Ovo** em b) busca a marca **va** em **vavangula**.

- a) **Etu tukasi** palo pemi lyuti (1ª P.Plural) = Estamos aqui de abaixo da árvore.
- b) **Ovo vavangula** Umbundu (3ª P.Plural) = Eles falam/ sabem falar Umbundu.

Nota-se então que a característica típica da constituição morfológica da língua Umbundu é baseada na anteposição dos morfemas de modificação ao radical da palavra para dar-lhe o sentido desejado. Daí que, na generalidade, os falantes nativos desta língua tendem a aplicar esta regra na língua Portuguesa, sem se darem conta de estar a usar uma estrutura bantu no Português. Este fenómeno afecta outros aspectos da estrutura gramatical, dos quais destacamos o diminutivo e o aumentativo tanto dos substantivos quanto dos adjetivos.

### III.1.4. Marcas do diminutivo e do aumentativo

Baseado nas **classes 12** e **7** respectivamente, ambos o diminutivo e o aumentativo na língua Umbundu, também funcionam com anteposição das suas marcas/temas ao radical da palavra. Olhando de forma pormenorizada sobre estas classes nota-se que o **ka/oka (classe 12)** e o **tchi/otchi (classe 7)**, são temas usados

para as duas construções. Assim, a **classe 12** funciona para o diminutivo enquanto a **7** comporta o aumentativo, como se espelha nos quadros 2 e 3 respectivamente.

**Quadro 2: Ilustração sobre a construção do diminutivo (Adaptado de Valente, 1964; Schedeberg 1990 e Do Nascimento, 1894).**

| Substantivo (Umbundu) | Português | Diminutivo      |                   |
|-----------------------|-----------|-----------------|-------------------|
|                       |           | Singular        | Plural            |
| ombwa                 | Cão       | <u>okambwa</u>  | <u>okalombwa</u>  |
| Ondjo                 | Casa      | <u>okandjo</u>  | <u>okalondjo</u>  |
| ohombo                | Cabrito   | <u>okahombo</u> | <u>okalohombo</u> |
| imbo                  | Aldeia    | <u>okambo</u>   | <u>okavambo</u>   |

Vejamos alguns exemplos no logo a seguir.

- a) **Okalombwa** kelye? = De quem são os cachorros?
- b) **Okalohombo** kange = São meus cabritinhos.
- c) Pali kamwe **okandjo** pemi lyomunda = Há uma casa junto da montanha.
- d) Kowambu **okavambo** kalisungwe = Na província do Huambo as aldeias estão muito próximas umas das outras.

Repara-se que nestes exemplos os morfemas, de igual modo, aparecem antepostos ao radical da palavra para expressar a ideia do diminutivo do substantivo em causa, em concordância com o sentido que se pretende dar à frase. Tal como ocorre no diminutivo, no aumentativo os morfemas da sua marca posicionam-se no princípio da palavra para exprimir a ideia construída sobre o sujeito em causa:

- a) Vowavela **otchindjo** kombaka = Ofereceram lhe um casarão em Benguela.
- b) **Ovimbaluku** ndavikomohâ = Estou pasma pelos barcos.
- c) Akwendje ava **ovindululu** viotchili = Estes rapazes são muito malandros.

Com análise deste quadro terminamos a abordagem da primeira parte do presente capítulo que, tendo caracterizado o sistema de classes nominais e tratado das formas de construção do plural, da formação do aumentativo e do diminutivo em

Umbundu, preparou-nos para discussões em volta destes paradigmas na língua Portuguesa.

**Quadro 3. Ilustração sobre a construção do aumentativo (Adaptado de Valente, 1964; Do Nascimento, 1894 e Dicionário Prático Português-umbundu, s.d)**

| Substantivo (umbundu) | Português | Aumentativo         |                   |
|-----------------------|-----------|---------------------|-------------------|
|                       |           | Singular            | Plural            |
| ondjo                 | Casa      | <b>otchindjo</b>    | <b>ovindjo</b>    |
| ombaluku              | Barco     | <b>otchibaluku</b>  | <b>ovimbakulu</b> |
| –                     | Casaco    | <b>otchikutu</b>    | <b>ovikutu</b>    |
| –                     | Malandro  | <b>otchindululu</b> | <b>ovindululu</b> |

### III.2. Formação do plural na língua portuguesa

Ao contrário do que foi descrito no Umbundu, o plural na língua Portuguesa obedece a um processo de sufixação com acréscimo de morfemas sobre a palavra base. Assim sendo, passaremos a falar sobre as regras de formação do plural em português na base de Cunha e Cintra (1999: 181-186) e de Estrela (2012: 74-80), para que mais adiante possamos levar a cabo uma análise comparada das duas línguas, nos aspectos a que nos temos referido ao longo do nosso trabalho.

1. Regra geral os substantivos terminados em vogal ou ditongo formam o plural acrescentando **-s** ao singular: *carro/carros, boné/bonés*;
2. Quando o substantivo termina em **-n, -r, -s -z**, acrescenta-se **-es**: *carácter/caracteres, cadáver/cadáveres, júnior/juniores, sénior/seniores, deus/deuses, noz/nozes, raiz/raízes*. A mesma regra serve para ditongos: *boi/bois, pai/pais, lei/leis, herói/heróis*, por exemplo, havendo isenção para certos substantivos uniformes tanto para o singular quanto para o plural: ***o/os lápis, o/os cais, o/os ourives, o/os, pires o/os alferes***;
3. Os substantivos terminados em **-ão** formam o plural de três maneiras distintas:

- Em **iões** temos, entre outros: *balão/balões, canção/canções, confissão/confissões, coração/corações eleição/eleições, estação/estações, fracção/fracções, nação/nações;*
- Em **-ães**: *alemão/alemães, bastião/bastiões, cão/cães, capelão/capelões, capitão/capitães, catalão/catalães, escrivão/escrivães, etc;*
- Em **ãos** discriminados os substantivos *cidadão/cidadãos, cortesão/cortesões, bênção/bênçãos, cristão/cristãos, irmão/irmãos, pagão/pagãos*, e os monossilábicos tónicos: *chão/chãos, grão/grãos, mão/mãos, vão/vãos.*

Alguns substantivos terminados em **-ão** apresentam mais de uma forma para o plural, sendo a terminação **-ões** a mais frequente. Por exemplo:

*alão – alãos alões / alazão – alazões / aldeão – aldeãos; aldeães; aldeões;*

*anão - anãos; anões/ ancião – anciãos; anciões; anciães;*

*hortelão – hortelões; hortelões/ refrão – refrães/refrãos;*

*sacristão – sacristães; sacristãos.*

4. Quando os substantivos terminam em **-al, -el, -ol e -ul** do singular passam a **-is**: *papel/ papéis, álcool/ álcoois, paul/ paus*. Nos substantivos terminados em **-il**, o **-l** passa a **-is** se forem palavras agudas: *barril/barris, canil/canis*; o **-l** passa a **-eis** se forem graves: *projectil/projecteis, réptil/répteis*; com excepções das seguintes palavras: *aval/ avales, cônsul/ cônsules, fel/ feles/ féis, mel/meles/ méis, móbil/ móveis, til/ tiles*.
5. Os terminados em **-x** mudam o **-x** para **-ces**: *cálix/cálices, índice/ índices*. As excepções a esta norma abrangem as substantivos *o/os clímax, a/as fénix, o/os ónix, o/os tórax*.

Apresentamos aqui as normas principais para a formação do plural dos substantivos em português, de acordo com Cunha e Cintra (1999) e Estrela (2012), em que não mencionamos os substantivos compostos, já que não constituem o foco deste trabalho.

No que diz respeito aos adjectivos, estes concordam em número com os substantivos que qualificam, formando o plural conforme as regras destes (Estrela 2012), Cunha e Cintra (1999). Assim temos, por exemplo: *mulher nervosa/ mulheres nervosas; carro caro/carros caros; aldeão malandro/aldeões malandros, sacristão pontual/ sacristãos pontuais; jogador talentoso/ jogadores talentosos; perfume francês/ perfumes franceses; aluno estudioso/ alunos estudiosos.*

A diferença da formação do plural entre o Português e o Umbundu reside no posicionamento dos afixos. Lembramos por outras palavras que, enquanto na língua Portuguesa se forma o plural acrescentando sufixos sobre as palavras-base, na língua Umbundu a formação do plural obedece à colocação de prefixos com as devidas flexões. Mais adiante apresentamos esta comparação com alguns exemplos.

### III.3. Paradigmas do diminutivo e do aumentativo

Antes de prosseguirmos afigura-se-nos importante dizer que 'o substantivo pode variar em grau, adquirindo a sua significação normal um valor diminutivo ou aumentativo' Estrela *et al* (2012: 80-81). De acordo com os autores, os substantivos no diminutivo adquirem uma significação atenuada de duas maneiras:

- a) através de um **adjectivo**: *carro pequeno; rapaz inteligente;*
- b) através dos **sufixos** que podem ser usados com valor afectivo, carinho, prazer ou desprezo e troça: *Avistei-me com o Carlinhos na Igreja.*

Ao contrário da primeira em a), a segunda maneira descrita em b, contém um conjunto de regras distintas.

**-inho (-a), zinho (a), -ino (a), -im**: *caminha, cafezinho, pequenino, farolim;*

**-acho (-a), icho (-a), ucho (-a)**: *riacho, barbicha, papeluchos,*

**-ebre, eco (-a)**: *casebre, livreco;*

**-ela, el**: *ruela, cordel*

**-elho (-a), -ijo, -ilho (-a)**: *rapazelho, quintalejo, mantilhas;*

**-ete, -eto (-a), -ito (-a), -zito (-a)**: *palacete, saleta, cabrita, florzita;*

**-oto (-ota)**: *casinhoto, casota;*

**-isco (-a), usco (-a):** chuvisco, chamusco;

**-ola:** portinhola, bandeirola.

Para Cunha e Cintra (1999: 187), nos diminutivos formados com sufixos – **zinho** e –**zito**, tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural, desaparecendo porém o **-s** do substantivo primitivo. Vejamos abaixo:

Balãozinho/ Balõe (s) + zinhos = balõezinhos;

Papelzinho/ Papéi (s) + zinhos = papezinhos;

Colarzinho/ Colare (s) + zinhos = colarezinhos;

Cãozinho/ Cãe (s) + zitos = cãezitos.

As regras do diminutivo se estendem ao aumentativo dos substantivos. Em termos práticos, o aumentativo significa tamanho ou grau maior do que o normal. Nestes termos, os substantivos apresentam-se com uma significação intensificada, Estrela *et al* (2012: 81):

a) quando acompanhados de um **adjectivo**: *carro grande*

b) através dos **sufixos**. Assim como acontece com o diminutivo, os sufixos aumentativos têm, por vezes, um valor **depreciativo** ou **pejorativo**:

- O espert**alhão** arrependeu-se;

- Vem aí o narig**ão**;

**-iço, iça, uça:** ricaço, calhamaço, mulheraça, dentuça;

**-alha:** fornalha-**ázio:** capázio;

**-ão, zarrão:** portão, cazarrão-**alhão:** vagalhão;

**-anzil:** corpanzil-**aréu:** povaréu;

**-eirão:** toleirão-**arra, -orra:** bocarra, cabeçorra;

**-ada, edo:** colherada, penedo-**eiro:** regueiro.

Para o aumentativo temos: casarão/casarões dramalhão/dramalhões, facão/facões, narigão/narigões, pobretão/pobretões, rapagão/rapagões, entre outros.

Numa simples observação se pode notar que o processo de formação do aumentativo em língua Portuguesa é semelhante ao do diminutivo pois em ambos casos há o posicionamento do afixo à direita da palavra primitiva, assim como o uso de um adjectivo para qualificar o substantivo atribuindo-lhe um grau acima do normal. Estes aspectos marcam uma das várias diferenças existentes entre as duas línguas, tanto os de ordem morfológica quanto os de natureza sintáctica, semântica, sem excluir os de ordem lexical. A seguir apresentamos algumas destas diferenças.

#### **III.4. Algumas diferenças entre as duas línguas**

As línguas Umbundu e Portuguesa comportam um vasto leque de diferenças, que se devem às suas origens. Este trabalho Porém, centra a sua análise particularmente sobre as diferenças concernentes aos processos de formação do plural, assim como aos do diminutivo e aumentativo.

##### **III.4.1. Diferenças quanto à formação do plural**

Um aspecto a ter-se em consideração nesta diferenciação é particular e fundamentalmente o posicionamento dos afixos na construção do plural nas duas línguas. Enquanto na língua Portuguesa estes são colocados à direita da palavra base, em Umbundu os afixos aparecem à esquerda, ou seja, a construção do plural nesta língua é feita através da prefixação. Isto leva-nos a compreender porque os falantes nativos da língua Umbundu tendem a omitir o (-s) quando realizam o plural na língua Portuguesa. Os quadros 4 e 5 para os substantivos e os adjectivos respectivamente, ilustram esta explicação apresentando, o primeiro com palavras enumeradas de **1 a 18** (com continuação no anexo 2 página iii) e o segundo de **1 a 9**.

Observando atentamente os referidos quadros pode-se com clareza notar o seguinte:

- a) A palavra *omola* em 1 e *omunu* em 9 formam o plural com o prefixo *oma* substituindo o *O* por *a*, assim como ocorre em *omu*, de *u* para *a*. Logo tem-se *omala* e *omanu* crianças e pessoas respectivamente e para o Português temos a sufixação da palavra base pela letra *-s*.

Exemplo: *Omala vapapala pemi lyuti* = As crianças brincam debaixo da árvore.

- b) Quanto aos números 2 *utungi* (pedreiro), 3 *ungombo* (pastor) e 4 *ulongisi* (*professor, catequista*), todas pertencentes a classe catalogada para pessoas e ofícios, estes fazem o plural substituindo o prefixo *U* pelo *A*. Assim temos: *atungi, alongisi* e *angombo*, o que é diferente do que acontece na língua portuguesa onde temos **-s, -es**; para os plurais construtores, professores e pastores. O mesmo ocorre com as palavras em 5, 6 e 18, visto que estas também são catalogadas para pessoas e ofícios.

Exemplo: Kapali **atungi**? = Não há pedreiros?

- c) Os substantivos em 7 (*utwe*), 10 (*unhamo*), 12 (*utima*) fazem parte das classes catalogadas para árvores, plantas, objectos partes do corpo humano, etc. fazem o plural mudando o *U* para *Ovi*. Isto resulta em *ovitwe* (cabeças), *ovinhamo* (anos), *ovitima* (corações). Como se pode confirmar a partir do quadro, há diferença entre esta e a regra da língua Portuguesa.

Exemplo: **Ovitima** viomanu vyananjuka tchalua = As pessoas estão muito alegres.

- d) Em 8 (*ongonga*), 13 (*ombwa*) e em 19 (*ofeka*) cujas classes se dizem respeito aos nomes de animais, instrumentos, partes do corpo, etc. faz-se o plural substituindo o prefixo *O* por *Olo*. Neste caso nos aparecem as palavras *olongonga* (águias), *olombwa* (cães), *olofeka* (países, nações). Outras diferenças entre as duas línguas, neste aspecto, podem ser constatadas nos exemplos ao longo da tabela.

Exemplo: **Olofeka** vyosi vialiongotia = Todos os países uniram-se.

- e) Os substantivos *eka* em 11, *eyo* em 27, *ewe* em 28 e *epya* em 29 (ver o anexo 2 na página iii), se referem a classe catalogada para partes do corpo, estado mental e moral, acto, coisas extensas e formam o plural com *OVA*. Esta transformação resulta em *ovaka* (mãos), *ovayo* (dentes), *ovawe* (pedras) e *ovapya* (campos), que é claramente diferente da forma do português para a formação do plural em que nestas palavras se usa o **-s**.

Exemplo: Pakala **ovawe** alua palo = Aqui havia muitas pedras.

- f) As palavras nos números 14 (ula) e 16 (ungende), também vêm catalogadas para a classe de instrumentos, números, fenómenos naturais e todo acto que se estenda por longo tempo. Estas classes têm o plural em *Ovo* e com isto temos as palavras *ovola* (camas) e *ovongende* (viagens).

Exemplo: Otchitangui etchi tchatukokela **ovongende** alua = Viajamos muitas vezes por causa deste assunto.

- g) Os substantivos *otchilimbu* em 15, *otchyela* em 17 e *otchivimbi* em 20 pertencem a uma classe que é normalmente catalogada para os aumentativos mas pode-se estender a outras classes. Estes fazem o seu plural com *OVI*. Desta formação resulta *ovilimbu* (sinais), *ovyela* (eleições), *ovivimbi* (cadáveres).

Exemplo: Evi **ovilimbu** viopokwenhe = São sinais do inverno.

- h) Em 23 e 24 temos *olumema* e *olungayawe*. Estes substantivos pertencem a classe que engloba parte dos nomes de vermes, frutos, peixes e faz sempre o plural usando com *Olo*, o que resulta em *olomema* (grãos, comprimidos) e *molongayawe* (goiabas).

Exemplo: **Olongayawe** viapia = As goiabas estão maduras.

Quanto aos adjectivos, cuja numeração vai de 1 a 9 (ver quadro 5 na página 42), salienta-se que:

- a) No número 1 a palavra *tchisambuka* (contagioso) tem o plural *visambuka*. Ao radical das palavras foram antepostos **tchi** e **vi**, para o singular e o plural respectivamente. De igual modo, *wasanjuka* (simpático) *vasanjuka* em 2 resultam da colocação de **wa** e **va** a esquerda da palavra primitiva, tanto para o singular, quanto para o plural.

Exemplos:

1. Olonambawa **visambuka**! Kapeli ko = As pulgas são contagiosas. Tenham muito cuidado.
2. Akwendje vovolupito **vasandjuka** = os jovens do Lobito são simpáticos.

As diferenças ora apresentadas deixa-nos melhor esclarecidos sobre as características divergentes das línguas Umbundu e Portuguesa, nos aspectos em

estudo neste trabalho e assim percebermos as razões de certas formas típicas de realização do Português do contexto linguístico Benguelense.

**Quadro 4: Exemplos de regras do plural em Umbundu e em Português (adaptado de Cunha e Cintra, 1999; Estrela *at.al*, 2012; Daniel, 2002 e Dicionário Prático Português- Umbundu, s.d)**

|    | Substantivos       |                    |            |              |
|----|--------------------|--------------------|------------|--------------|
|    | Umbundu            |                    | Português  |              |
|    | Singular           | Plural             | Singular   | Plural       |
| 1  | <b>Omo-la</b>      | <b>Oma-la</b>      | Criança    | Crianças     |
| 2  | <b>U-tungui</b>    | <b>A-tungi</b>     | Construtor | Construtores |
| 3  | <b>U-longisi</b>   | <b>A-longisi</b>   | Professor  | Professores  |
| 4  | <b>U-ngombo</b>    | <b>A-ngombo</b>    | Pastor     | Pastores     |
| 5  | <b>U-feko</b>      | <b>A-feko</b>      | Rapariga   | Raparigas    |
| 6  | <b>U-kuendje</b>   | <b>A-kuendje</b>   | Rapaz      | Rapazes      |
| 7  | <b>U-twe</b>       | <b>Ovi-twe</b>     | Cabeça     | Cabeças      |
| 8  | <b>O-ngonga</b>    | <b>Olo-ngonga</b>  | Águia      | Águias       |
| 9  | <b>Omu-nu</b>      | <b>Oma-nu</b>      | Pessoa     | Pessoas      |
| 10 | <b>U-nhamo</b>     | <b>Ovi-nhamo</b>   | Ano        | Anos         |
| 11 | <b>E-ka</b>        | <b>Ova-ka</b>      | Mão        | Mãos         |
| 12 | <b>U-tima</b>      | <b>Ovi-tima</b>    | Coração    | Corações     |
| 13 | <b>O-mbwa</b>      | <b>Olo-mbwa</b>    | Cão        | Cães         |
| 14 | <b>U-la</b>        | <b>Ovo-la</b>      | Cama       | Camas        |
| 15 | <b>Othci-limbu</b> | <b>Ovi-limbu</b>   | Sinal      | Sinais       |
| 16 | <b>U-ngende</b>    | <b>Ovo-nguende</b> | Viagem     | Viagens      |
| 17 | <b>Otchi-vimbi</b> | <b>Ovi-vimbi</b>   | Cadáver    | Cadáveres    |
| 18 | <b>U-lume</b>      | <b>A-lume</b>      | Homem      | Homens       |

**Quadro 5: Exemplos de regras do plural em Umbundu e em Português (adaptado de Cunha e Cintra, 1999; Estrela *at.al*, 2012; Daniel, 2002 e Dicionário Prático Português- Umbundu, s.d)**

| Adjectivos |                     |                     |            |             |
|------------|---------------------|---------------------|------------|-------------|
| Nº         | Umbundu             |                     | Português  |             |
|            | Singular            | Plural              | Singular   | Plural      |
| 1          | <u>tch</u> isambuka | <u>vis</u> ambuka   | contagioso | contagiosos |
| 2          | <u>was</u> anjuka   | <u>vas</u> anjuka   | simpático  | simpáticos  |
| 3          | <u>tch</u> inina    | <u>vin</u> ina      | brilhante  | brilhantes  |
| 4          | <u>tch</u> okaliye  | <u>vy</u> okaliye   | moderno    | modernos    |
| 5          | <u>ukw</u> opongo   | <u>vaku</u> opongo  | miserável  | miseráveis  |
| 6          | <u>wal</u> unguka   | <u>val</u> unguka   | esperto    | espertos    |
| 7          | <u>uku</u> ekemalo  | <u>vaku</u> ekemalo | famoso     | famosos     |
| 8          | <u>uku</u> anya     | <u>vaku</u> anya    | invejoso   | invejosos   |
| 9          | <u>uku</u> anjala   | <u>vaku</u> anjala  | faminto    | famintos    |

#### III.4.2. Diferenças quanto ao diminutivo e ao aumentativo

Assim como na língua Portuguesa, em Umbundu os substantivos adquirem uma significação atenuada quanto aos diminutivos e intensiva quando se trata de aumentativos.

Para os diminutivos, como se ve no quadro 6, temos o prefixo *Oka*<sup>16</sup> como nas palavras *okawe* (pedrinha) em 10, *okotima* (coraçãozinho) em 14, *okamoko* (faquinha) em 16. O quadro mostra que o prefixo *oka* se antepõe a todos os substantivos, sejam eles de que natureza forem, nomes de animais, de pessoas, profissões, partes do corpo humano, instrumentos, etc. Esta é a razão que leva a que muitos falantes nativos do Umbundu transfiram com alguma naturalidade regras da sua língua materna quando

<sup>16</sup> Em muitas ocasiões usa-se *ka* ao invés *oka*, principalmente quando se volta a referir a um elemento previamente citado.

falam Português. Ficam assim criadas condições naturais para que tal fenómeno ocorra.

**Quadro 6: Exemplos comparativos do diminutivo dos substantivos em Umbundu e em Português (adaptado de Cunha e Cintra, 1999; Estrela *at.al*, 2012; Daniel, 2002 e Dicionário Prático Português- Umbundu, s.d)**

| Diminutivos |                   |                     |             |                |
|-------------|-------------------|---------------------|-------------|----------------|
| Nº          | Umbundu           |                     | Português   |                |
|             | Grau normal       | Diminutivo          | Grau normal | Diminutivo     |
| 1           | <b>U-lume</b>     | <b>Ako-lume</b>     | Homem       | Homenzinho     |
| 2           | <b>O-mbwa</b>     | <b>Oka-mbwa</b>     | Cão         | Cãozinho       |
| 3           | <b>I-mbo</b>      | <b>Oka-mbo</b>      | Aldeia      | Aldeola        |
| 4           | <b>O-mbija</b>    | <b>Oka-mbidja</b>   | Camisa      | Camisinha      |
| 5           | <b>O-sanji</b>    | <b>Oka-sanji</b>    | Galinha     | Galinhazinha   |
| 6           | <b>U-feko</b>     | <b>Oko-feko</b>     | Rapariga    | Rapariguinha   |
| 7           | <b>O-njo</b>      | <b>Oka-njo</b>      | Casa        | Casinha        |
| 8           | <b>O-wato</b>     | <b>Oka-wato</b>     | Barco       | Barquito       |
| 9           | <b>O-mola</b>     | <b>Oka-mola</b>     | Criança     | Criancinha     |
| 10          | <b>E-we</b>       | <b>Oka-we</b>       | Pedra       | Pedrinha       |
| 11          | <b>O-ndaka</b>    | <b>Oka-ndaka</b>    | Voz         | Vozinha        |
| 12          | <b>U-longisi</b>  | <b>Oko-longisi</b>  | Professor   | Professorzinho |
| 13          | <b>O-mwine</b>    | <b>Oka-mwine</b>    | Dedo        | Dedinho        |
| 14          | <b>U-tima</b>     | <b>Oko-tima</b>     | Coração     | Coraçãozinho   |
| 15          | <b>O-sikaleta</b> | <b>Oka-sikaleta</b> | Bicicleta   | Bicicletinha   |
| 16          | <b>O-moko</b>     | <b>Oka-moko</b>     | Faca        | Faquinha       |
| 17          | <b>O-lwi</b>      | <b>Oka-lui</b>      | Rio         | Riacho         |

Quanto aos aumentativos, constata-se no quadro 7 que o morfema modificador do grau normal do substantivo para atribuir-lhe uma significação intensiva, funciona

igualmente como prefixo do próprio radical do substantivo. Logo temos a marca **otchi** em todas as palavras constantes no quadro seguinte.

**Quadro 7: Exemplos comparativos do aumentativo dos substantivos em Umbundu e em português (adaptado de Cunha e Cintra, 1999; Estrela *at.al*, 2012; Daniel, 2002 e Dicionário Prático Português- Umbundu, s.d).**

| Aumentativos |             |                |             |              |
|--------------|-------------|----------------|-------------|--------------|
| Nº           | Umbundu     |                | Português   |              |
|              | Grau normal | Aumentativo    | Grau normal | Aumentativo  |
| 1            | O-munu      | Otchi-munu     | Pessoa      | –            |
| 2            | O-sikaleta  | Otchi-sikaleta | Bicicleta   | –            |
| 3            | O-njo       | Otchi-njo      | Casa        | Casarão      |
| 4            | E-tapalo    | Otchi-tapalo   | Estrada     | –            |
| 5            | O-lusi      | Otchi-lusi     | Peixe       | Peixão       |
| 6            | O-lunhi     | Otchi-lunhi    | Mosca       | –            |
| 7            | O-wato      | Otchi-wato     | Barco       | Grande barco |
| 8            | E-kwalo     | Otchi-kwalo    | Cesto       | –            |

### III.5. Análise de algumas frases inventariadas

Para analisar casos de interferência do Umbundu no Português especificamente sobre os paradigmas de formação do plural, do diminutivo e do aumentativo, durante as nossas observações recolhemos um conjunto de frases, muitas das quais produzidas por falantes suficientemente escolarizados, o que coloca em evidencia o quanto a nossa língua materna influencia uma segunda língua. É relevante salientar que este tipo de interferência também é frequentemente produzido por pessoas que não falam a língua Umbundu e isso mostra a força do meio social no comportamento linguístico do individuo. Em Benguela, por exemplo, fenómenos desta natureza ocorrem inclusive com indivíduos que não são Ovimbundu nem falam a língua deste povo. Tal acontece porque estes indivíduos vivem em Benguela por muitos anos e recebem influências do próprio meio social. É também frequente notar nos indivíduos de Benguela a viver em Luanda uma certa forma de realizar a língua portuguesa, típica dos falantes da cidade

de Luanda em que ao invés de dizer ‘Foi chamado pelo seu tio’, dizem ‘Ihe chamaram no tio dele’, “estão a te chamar na tua irmã”, “Ihe bateram no polícia”, etc.

Abaixo apresentamos, *em itálico*, 28 frases das várias recolhidas por Benguela, cuja selecção obedeceu aos aspectos a que este trabalho se refere.

1. *Tu vais sair quem, vai ficar com as criança* (Locução de uma mãe para a filha mais crescida, num bairro nos arredores de Benguela);
2. *Nós ficamo atrás dele* (Frase produzida por um condutor quando contava da sua viagem em caravana para a cidade do Huambo);
3. Havia dois táxi na estrada (Locução de uma rapariga quando se aproximava a paragem de táxi);
4. *Um estudo com os aluno revelou o seguinte* (Frase extraída de um trabalho de fim do curso de um estudante universitário);
5. Ainda mostra os teus dedo (Locução de uma mãe para filha);
6. Se os gatuno não forem apanhado! (Locução de uma vítima de assalto);
7. *Fiz novas experiencia com teu carro* (Frase ouvida de um mecânico numa oficina nos arredores da cidade de Benguela);
8. *Viajei com os meus tio* (Frase ouvida de uma jovem estudante contando sobre a sua viagem a Dubai);
9. *As aula vão começar amanhã. Os professor já chegaram.* (Frase produzida por uma estudante residente em Benguela a frequentar um curso de mestrado na cidade do Lubango);
10. *Nos estamo bem, graças a Deus.* (Locução de uma vendedeira de mercado paralelo, semelhante a feira do relógio em Lisboa);
11. *Sabes que? As criança têm que ter carinho do pai também* (Expressão produzida por uma mãe solteira em conversa com amigas);
12. *Ela entra 12 hora na escola* (Locução ouvida de um pai que levava a sua filha a escola);

13. Tantas consulta memo com a doutora em Benguela, a criança não melhora (Expressão produzida por uma mãe lamentado-se do estado de saúde do filho);
14. Todos os número que eu tinha gravado também saíram (Frase produzida por um jovem após ter notado um desaparecimento estranho de contactos no próprio telefone);
15. Os taxi vão até no 27 (Frase produzida por uma senhorita num candongueiro<sup>17</sup> a caminho do bairro 27, arredores de Benguela);
16. Nos só queriamo ajudar. Se não quer deixa (Expressão produzida por um homem num transporte público);
17. As minhas irmã vendem fardo na Caponte. (Locução de uma vendedeira de mercado paralelo, semelhante a feira do relógio em Lisboa);
18. Nós costumamo ir buscar uns balão (roupa usada) para vender aqui. (Locução de uma vendedeira de mercado paralelo, semelhante a feira do relógio em Lisboa);
19. Só estamo memo a remediar. Os tas lucro só chega para comprar comida das criança. (Locução de uma vendedeira de mercado paralelo, semelhante a feira do relógio em Lisboa);
20. Aie? Bons tempo! Sim foram bons momento (Frase produzida por dois jovens suficientemente escolarizados, num diálogo fraterno);
21. Mas eu acho que os jovem não têm estudado (Frase extraída de um trabalho de alunos da 10ª classe de uma escola do ensino secundário em Benguela);
22. As más companhia faz mal. O arrependimento aparece no futuro (Frase recolhida dos trabalhos dos alunos da 10ª classe, escola do ensino secundário em Benguela);

---

<sup>17</sup> Candongueiros são viaturas fechadas, com 10 a 12 lugares, geralmente de marca Toyota e de modelo Hiace, importadas do Japão e que fazem o serviço de transporte de passageiros com rotas fixas. Portanto os candongueiros não são considerados táxi no sentido denotativo da palavra. O termo “candongueiros” é naturalmente referido a pessoas que fazem “candonga”, que é o exercio comercial paraelo (ilegal). Ao longo do tempo a palavra candonga foi conotada a viaturas que fazem o transporte de pessoas (passageiros) de forma ilegal.

23. *Muitas pessoa por vezes só procuram emprego* (Frase recolhida dos trabalhos dos alunos da 10ª classe, escola c do ensino secundário em Benguela);
24. *Existe pessoas que não tenham formação em nada mas querem trabalhar.* (Frase recolhida dos trabalhos dos alunos da 10ª classe, escola do ensino secundário em Benguela);
25. *Muitos desistem nos estudo por motivos de condições financeira* (Frase recolhida dos trabalhos dos alunos da 10ª classe, escola do ensino secundário em Benguela);
26. *Alguns estudante acabam de abandonar o estudo através das mal companhia de amigas* (Frase recolhida dos trabalhos dos alunos da 10ª classe, escola do ensino secundário em Benguela);
27. *Tão acontecer coisas no pensamento das pessoa moderna* (Frase recolhida dos trabalhos dos alunos da 10ª classe, escola do ensino secundário em Benguela);
28. *Esses dia estão acontecer muitos acidente porque os motorista andam muito bêbado* (Frase recolhida dos trabalhos dos alunos da 10ª classe, escola do ensino secundário em Benguela).

As expressões acima mostram alguns dos casos de interferências da língua Umbundu no Português, por parte dos Benguelenses. Outro caso que temos vindo a considerar ao longo deste trabalho é a noção do diminutivo e aumentativo, cujas expressões levantadas durante as nossas observações são apresentadas abaixo.

1. A kasenhora da loja amarela vai nos dar boleia. **Diminutivo** (Expressão produzida por uma aluna quando, de volta a casa viu uma senhorita sua vizinha, a conduzir para o seu bairro);
2. Aquele karapaz que anda lavar o teu carro está aonde? **Diminutivo** (Um homem falando para o seu amigo, num local de lavagem ambulante de viaturas, junto do rio Catumbela na cidade da Catumbela);
3. O meu primo tem lá uma tchigileira! **Aumentativo** (Frase expressando admiração; produzida por um rapaz em conversa com um amigo);

4. Esta katelevisão quanto é que custa? **Diminutivo** (Frase ouvida no mercado paralelo da Caponte em Benguela);
5. Aí nesse lado mete só lá um kaportão. **Diminutivo** (Frase produzida por um pedreiro em conversa com o dono da obra);
6. Estas a ver aí ao lado da kapracinha? Ela mora aí. **Diminutivo** (Frase produzida por um jovem dando endereço a um amigo);
7. Essa planta! Esse tchiquarto todo? **Aumentativo** (Frase expressa por uma mulher quando o seu marido a mostrava a planta da sua futura casa);
8. Olha só esse tchicarro. **Aumentativo** (Expressão produzida por um rapaz em conversa com um amigo);
9. Essa tchipasta é de quem? **Aumentativo** (Frase produzida por uma rapariga, mostrando-se espantada pelo tamanho de uma pasta em plena sala de aulas);
10. A kaponte é linda. **Diminutivo** (Palavras de um admirador da beleza do bairro kaponte dom Lobito);
11. Fui a Luanda. É uma tchicidade. **Aumentativo** (Frase produzida por um rapaz quando falava sobre a cidade de Luanda de onde acabava de chegar da sua primeira viagem);
12. Quem estava a brincar aí? Vi umas kacriança alí há pouco tempo. **Diminutivo** (Expressão produzida por uma mãe quando perguntava sobre as crianças que estavam em algum canto da casa).

Nas frases acima, as palavras sublinhadas apresentam dois prefixos: *ka* para o diminutivo e *tchi* para o aumentativo. Os vocábulos *televisão* e *portão* têm o *ka* à esquerda que é uma construção com base na estrutura da língua Umbundu. Dito noutros termos, trata-se de uma interferência de ordem morfológica da língua materna destes falantes quando se exprimem em língua Portuguesa. O mesmo acontece com as palavras *quarto* e *carro* nos números 7 e 8 respectivamente, que têm o prefixo *tchi* para o aumentativo. Em suma, estamos perante diferenças expressas

entre as duas línguas que, por coabitarem, exercem influências entre si<sup>18</sup>, havendo por esta razão especificidades nas duas línguas.

Um facto importante de que nos apercebemos ao longo do nosso estudo é a existência na região de Benguela de muitos nomes de bairros e aldeias com o diminutivo Umbundu, incluindo alguns de origem Portuguesa. Nos nomes de bairros temos *Kambanda, kalohombo, kalomburaco, Kanata, kaponte, kalombutão, Kalomanga, Kawango, kalumba, kamunda, Kapira, Kalosombekwa, Kanjangela, kalosongo, kalohamwe, kabaia, kambenjela, kasseque* e para aldeias encontramos os seguintes nomes: *katengue, Katenga, Kanjala, Kamuco, kaluikongolo, kassipera, kapupa, kalondende, kalomanda, Kanjola, kasiva, kasua, kalonga, kandumbo, kalomalanga*. Muitos destes nomes, principalmente os de raiz Umbundu, resultam de estórias e culturas locais. *Kalomanga* por exemplo, nome de um dos bairros mais populosos da cidade de Benguela, advém da palavra portuguesa manga e que de acordo com informações a que tivemos acesso, naquela zona havia muitas mangueiras e os povos locais apelidaram-na de *kalomanga* (mangueirinhas) colocando o prefixo *ka* a palavra manga, e isto resultou em *olomanga* (mangas).

Tendo chegado ao fim deste capítulo nuclear do trabalho cujas abordagens versaram-se sobre descrições comparativas de alguns dos aspectos específicos das línguas Umbundu e Portuguesa, somos levados a concluir que as transferências negativas que acontecem da parte dos Benguelenses devem-se ao desconhecimento e a confusão que estes fazem entre estruturas das duas línguas aliada a uma certa influência do próprio contexto sócio linguístico e cultural.

---

<sup>18</sup> É importante salientar que, apesar de reconhecermos haver influência recíproca entre as duas línguas, este trabalho versou apenas sobre a influência da língua Umbundu para o Português. Estudos na direcção contrária ou seja do Português para o Umbundu, são igualmente pertinentes.

## Conclusões e recomendações

Uma das características principais do contexto linguístico de Angola é a coabitação da língua Portuguesa com as línguas nativas de origem bantu. Por natureza própria, este contexto leva a que estas línguas se influenciem umas às outras, numa determinada região ou localidade dentro do espaço Angolano. Em nosso entender, é devido a este contexto que a língua Portuguesa na região de Benguela apresenta características próprias que, segundo constatamos, se devem a sua interacção com língua Umbundu; das quais o presente estudo tratou do parâmetro do plural, das noções do diminutivo e do aumentativo em Umbundu.

Para uma abordagem mais cuidada da sua problemática, o estudo centrou-se essencialmente em três aspectos: uma análise comparativa dos conceitos fundamentais do seu tema central, uma descrição breve da língua Umbundu, tanto no panorama angolano de modo geral, quanto no contexto regional de Benguela em particular, assim como fez uma descrição e análise das duas línguas em contacto. Em virtude dos argumentos e discussões apresentados ao longo do trabalho, chegámos as conclusões de que:

- De modo genérico as mudanças que as línguas sofrem ao longo do tempo dependem directamente das transformações sociais, das crenças e culturas assim como das criações e conceptualizações do homem;
- Os diversos aspectos estruturantes de uma língua não são realizados de forma homogénea nos contextos em que essa se usa; principalmente quando a língua em causa tem uma vasta expansão geográfica, como acontece com o Português em Angola, visto que quanto maior for a sua extensão, maior será o seu uso mais diferenciado. Por conseguinte, maior se torna o grupo de línguas e dialectos com que esta entra em contacto, resultando numa característica regional/local da própria língua, como é o caso do nosso objecto de estudo;
- A caracterização e análise contrastiva das línguas devem obedecer ao que ocorre com frequência, cuidadosamente observada, tomando particular atenção sobre a sua realização natural e espontânea pelos

falantes. Só assim se podem aferir com fidelidade os traços que as caracterizam num dado contexto e espaço. Neste sentido abrem-se perspectivas de pesquisa mais adequadas ao âmbito de estudos contrastivos, no campo da linguística comparada.

Tendo em conta as conclusões a que chegámos, recomendamos que:

- Todo estudo que vise compreender as razões das interferências da língua Umbundu no Português deve centrar-se num determinado aspecto das duas línguas, para que a própria pesquisa se torne mais precisa, efectiva, exaustiva e sobretudo produtiva. Para tal, deve-se sempre ter em conta que o sistema de funcionamento das línguas bantu nos apresenta um grande nível de complexidade;
- A constatação tida à margem da problemática deste estudo, a qual revela interferências da estrutura morfológica da língua Umbundu, nomeadamente do paradigma do diminutivo, na maioria dos nomes de bairros e localidades de Benguela; seja objecto de futuros estudos ligados, não só à linguística comparada, mas também à cultura dos povos locais. Em nosso entender estudos nesta perspectiva trariam à luz um conjunto de informações que ajudariam a compreender os factos culturais subjacentes ao uso destes nomes.

## **Bibliografia**

- Barros, V. F. (2011). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri.
- Bleek, H.W.I. (1969). *Comparative Grammar of South African Languages, Part II, The concord*. Trubner and Co., 60 Paternoster Row. London. in Ngunga, A. (2004).
- Brown, H. D. (1987). *Principles of Language Learning and Teaching*. Prentice-Hall. New Jersey. In Miranda, J. da V. (2013).
- Casanova, I. (2009). *Dicionário Terminológico*. Lisboa: Plátano.
- Chambers, J.K. & Trudgill, P. (1998). *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Chamuhongo, A. (2010). Utilização das línguas Nacionais no Sistema de Ensino Primário. Comunicação apresentada no IV encontro sobre as línguas Nacionais (Unidade na Diversidade). 18-21. Outubro/Uige.
- Cunha, C & Cintra, L. (1999). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Da Cruz, J. R. (1940). *Notas de Etnografia Angolana*. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, LDA. In Nzau, D. G. Nd. (2011).
- Daniel, E. (2002). *Ondusuionaliu Yumbundu*. Naho: Santo Adrião.
- Dicionário Prático Português-Umbundu*. (s.d). Bela Vista: Centro de Publicações da Missão do Dondi.
- Do Nascimento, J.F. (1894). *Gramática do Umbundu ou Língua de Benguela*. Imprensa Nacional: Lisboa.
- Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa: instrumentos de análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ellis, R. (2011). *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- Estrela, et al. (2012). *Saber Escrever Saber Falar* (11ª edição). Alfragide: Dom Quixote.
- Fernandes, J. & Ntongo, Nz. (2002). *Angola. Povos e Línguas*. Luanda: Nzila.

- Fernández, S. (1997). *Interlingua y análisis de errores en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid Edelsa, Grupo Didascália, S.A. Espanha. In Miranda, J. da V. (2013).
- Gargallo, I. S. 2004. *Lingüística Aplicada a la Enseñanza-aprendizaje del Español como Lengua Extranjera*. Madrid: Arco Libros. In Gonçalves, L. M. V. C. F. (2011).
- Gonçalves, L. M. V. C. F. (2011). A Formação da interlíngua dos aprendentes chineses: aprendizagem do uso do pretérito imperfeito versus pretérito perfeito simples do indicativo. Dissertação de Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. URL: <http://repositorioabertoup.pt/bitstream/10216/56983/2/TESEMESLILIANAGONALVES00141623pdf> [consultado aos 11.8.2014].
- Gonçalves, D. P. (2013). A interferência linguística no uso de heterossemânticos por Brasileiros aprendizes de Espanhol, *Revista de Letras*, Vol.2/2, 50-70. URL: <http://wwwrevistanome.com.br/download/Artigo24pdf> [consultado aos 10.8.2014].
- Griffin, K. (2005). *Lingüística Aplicada a la Enseñanza del Español como 2/L*. Madrid: Arco Libros. In Gonçalves, L. M. V. C. F. (2011).
- Guthrie, M. (1967). *An Introduction to the Comparative Linguistics and Prehistory of the Bantu Languages*. Gregg Press: London.
- Heine, B & Nurse, D. (2000). *African Languages: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Instituto de Línguas Nacionais. (2004). II Encontro Sobre Línguas Nacionais: Luanda.
- \_\_\_\_\_. (2008). III Encontro Sobre Línguas Nacionais: Huambo.
- \_\_\_\_\_.(2010). IV Encontro Sobre Línguas Nacionais: Uíge.
- Keith, J. & Helen. J. (1999). *Encyclopedic Dictionary of Applied Linguistics: A Handbook of language teaching*. Blackwell publishers: Massachusetts.
- Krashen, S. D. (1988). *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Hertfordshire: Prentice-Hall International.

- Kukanda, V. (2007). Complementaridade entre o Português e as Línguas Nacionais: Tóquio. URL: [http://port.pravda.ru/cplp/angola/25-11-2007/20495\\_angolalinguas-0/](http://port.pravda.ru/cplp/angola/25-11-2007/20495_angolalinguas-0/) [consultado aos 15. 11.2014].
- Kukanda, V. 2010. *Línguas Nacionais de Angola*. Comunicação apresentada no IV encontro sobre as línguas Nacionais (Unidade na Diversidade). 18-21 Outubro/ Uige.
- Leiria, I. (1999). *Português língua segunda e língua estrangeira*. Fórum Telecom Outubro, 221-23. URL: <http://cvc.institutocamoes.pt/idiomatico/03/portuguesLSeLEpdf> [consultado aos 8.8.2014].
- Levinson, D. (1998). *Ethnic Groups worldwide: A ready for reference handbook*. Arizona: Oryxpress.
- Longman Dictionary of Contemporary English* (5<sup>th</sup> edition). (2009). Essex: Pearson Education.
- Lucunde, A. M. E; Sicala, D & Maurico, I. J.D. (2008). Empréstimos do Português ao Umbundu: Análise feita partir de textos escritos nos jornais Ondaka e Cruzeiro do Sul e de textos lidos nos programas em Umbundu das rádios Benguela, Huila, e Lobito. DDI/ISCED- Lubango (Trabalho apresentado para a obtenção do grau de Licenciado).
- Malumbu, M. (2005). *Os Ovimbundu de Angola: Tradição, economia e cultura organizativa*. Edizione Vivere: Roma.
- Matthews, P.H. (2007). *Concise Dictionary of Linguistics* (2<sup>nd</sup> edition). Oxford: Oxford University Press.
- Mateus H. M. et. al. (2006). *Gramática da Língua Portuguesa* (6ª edição). Lisboa: Editorial Caminho.
- Ministério da Cultura. (2004). *Lei Sobre o Estatuto das Línguas Nacionais*: Luanda.
- Mingas A. A. (2000). *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda, Chá de Caxinde*: Luanda.

- Miranda, J. da V. (2013). *O Erro, Uma Análise Necessária: Sua implicação no ensino da Língua Portuguesa em Cabo Verde*. Dissertação de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa-PLE/PL2 apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Mota, M.A.C. (1993). *Línguas em Contacto e Variação*. In *Variação Linguística no Espaço, no Tempo e na Sociedade*. Lisboa: edições Colibri: 108-116.
- Nations Online Project (s.d) Maps of Angola*. URL: <http://www.orangesmile.com/travelguide/angola/countrysmaps.htm>. [consultado aos 19.09.214].
- Nbalote, J. (2010). *Situação Sociolinguística da Província de Benguela*. Comunicação apresentada no IV encontro sobre as línguas Nacionais (Unidade na Diversidade). 18-21 Outubro/ Uige.
- Ngunga, A. (2004). *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária.
- Nzau, D. G. Nd. (2011). *A Língua Portuguesa em Angola: Um contributo para o estudo da sua nacionalização*. Tese para obtenção do Grau de Doutor apresentada ao Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior. Covilhã.
- Richards, C. J and Richard, Schmidt. (2002). *Dictionary of Language Teaching and Applied Linguistics* (3<sup>rd</sup> edition). Essex: Longman.
- \_\_\_\_\_ . (2010). *Dictionary of Language Teaching and Applied Linguistics* (4<sup>th</sup> edition). Essex: Longman.
- Ringbom, H. (2007). *The Importance of Cross-linguistic Similarity in Foreign Language Learning*. In Ellis, R. (2011).
- Schedeberg. T. (1990). *A Sketch of Umbundu*. Köln: koppe.
- Selinker, L. (1972). Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics*, 10, 209-31. In Keith, J. & Helen. J.(1999).
- Shoup, J. A. (2011). *Ethnic Groups of Africa and Middle East: An Encyclopedia*. ABC-CLIO, LLC: Califórnia.

Sousa, S.S. (2011). Análise de erros na produção escrita de aprendentes de Português Língua Estrangeira – NÍVEL A1.2. Dissertação de Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira apresentada ao Departamento de Estudos Portugueses e Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Stead, M. & Rorinson, S. (2009). *Angola*: Guilford.

Thomason, S. G. (2001). *Language Contact*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Trudgill, P. (1992). *Introducing Language and Society*. London: Penguin.

Valente, J. F. (1964). *Gramática Umbundu: A língua do centro de Angola*: Luanda Instituto de Investigação Científica de Angola.

Whorf, B. L. (1956). *Language, Thought, and Reality*. Cambridge, Mass.: MIT Press. A edição utilizada foi a 30ª, de 1978. In Mateus H. M. et al. (2006).

Wikipédia, a enciclopédia livre. *Continuum Dialectal*. URL: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Continuumdialetal>. [consultado aos 31.8.2014].

Wikipédia, a enciclopédia livre. Os Grupos Étnicos e as suas Línguas. URL: <http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguasdeAngola> [consultado aos 19.9.2014].

## Anexos

### Anexo 1: Quadro de localização das variantes da língua Umbundu na província de Benguela

| Município         | Comuna         | Variante (s) predominante (s) | VARIANTES DE OUTRAS LÍNGUAS NACIONAIS |
|-------------------|----------------|-------------------------------|---------------------------------------|
| <b>Benguela</b>   | Todas Zonas    | Ciyaka e Cisandji             | ❖                                     |
| <b>Lobito</b>     | Sede           | Ciyaka e Cisandji             | ❖                                     |
|                   | Katumbela      | Cisandji                      |                                       |
|                   | Biópio         | Cisandji                      |                                       |
|                   | Hanha do Norte | Cisandji                      |                                       |
|                   | Kandjala       | Cisandji                      |                                       |
|                   | Egipto praia   | Cisandji                      |                                       |
| <b>Baia Farta</b> | Sede           | Ciyaka e Cisandji             | Nhaneka-humbi                         |
|                   | Dombe-Grande   | Cisandji                      | Ndombe, Nhaneka-Humbi e kwisi         |
|                   | Equimina       | Cisandji                      | ❖                                     |
|                   | Kalohanga      | Muhanha                       | Nhaneka-humbi                         |
| <b>Bocoio</b>     | Chila          | Cisandji                      | ❖                                     |
|                   | Passe          | Cisandji e Muhanha            |                                       |
|                   | Monte Belo     | Cisandji                      |                                       |
|                   | Cubal do Lumbu | Cisandji e Muhanha            |                                       |
| <b>Balombo</b>    | Cingongo       | Cisandji                      | ❖                                     |
|                   | Maka Mombolo   | Ciyaka/Wambu                  | Sele/Sumbe                            |
|                   | Cindumbu       | Ciyaka/Wambu                  | ❖                                     |
| <b>Caimbambo</b>  | Kanhamela      | Muhanha                       |                                       |
|                   | Kayave         | Muhanha                       |                                       |
|                   | Wiya Ngombe    | Muhanha                       |                                       |

|                  |                    |                       |               |
|------------------|--------------------|-----------------------|---------------|
|                  | Katengue           | Muhanha               | ❖             |
| <b>Cubal</b>     | Kapupa             | Muhanha               |               |
|                  | Yambala            | Muhanha               |               |
|                  | Tumbulu            | Muhanha               |               |
|                  |                    |                       |               |
| <b>Ganda</b>     | Babaera (vavayela) | Ciyaka/Wambu          |               |
|                  | Ebanga (Evanga)    | Ciyaka/Wambu          |               |
|                  | Kaseke             | Munganda              |               |
|                  | Cikuma             | Cikuma                | ❖             |
|                  | Cimboa             | Munganda e<br>Muhanha |               |
| <b>Chongoroi</b> | Mbolongela         | Muhanha               | Nhaneka-humbi |
|                  | Kamwine            | Muhanha               | Nhaneka-humbi |

**Fonte:** José Mbalote. *Situação sociolinguística da província de Benguela*, Uige Outubro de 2010.

❖ Sem variantes de outras línguas nacionais.

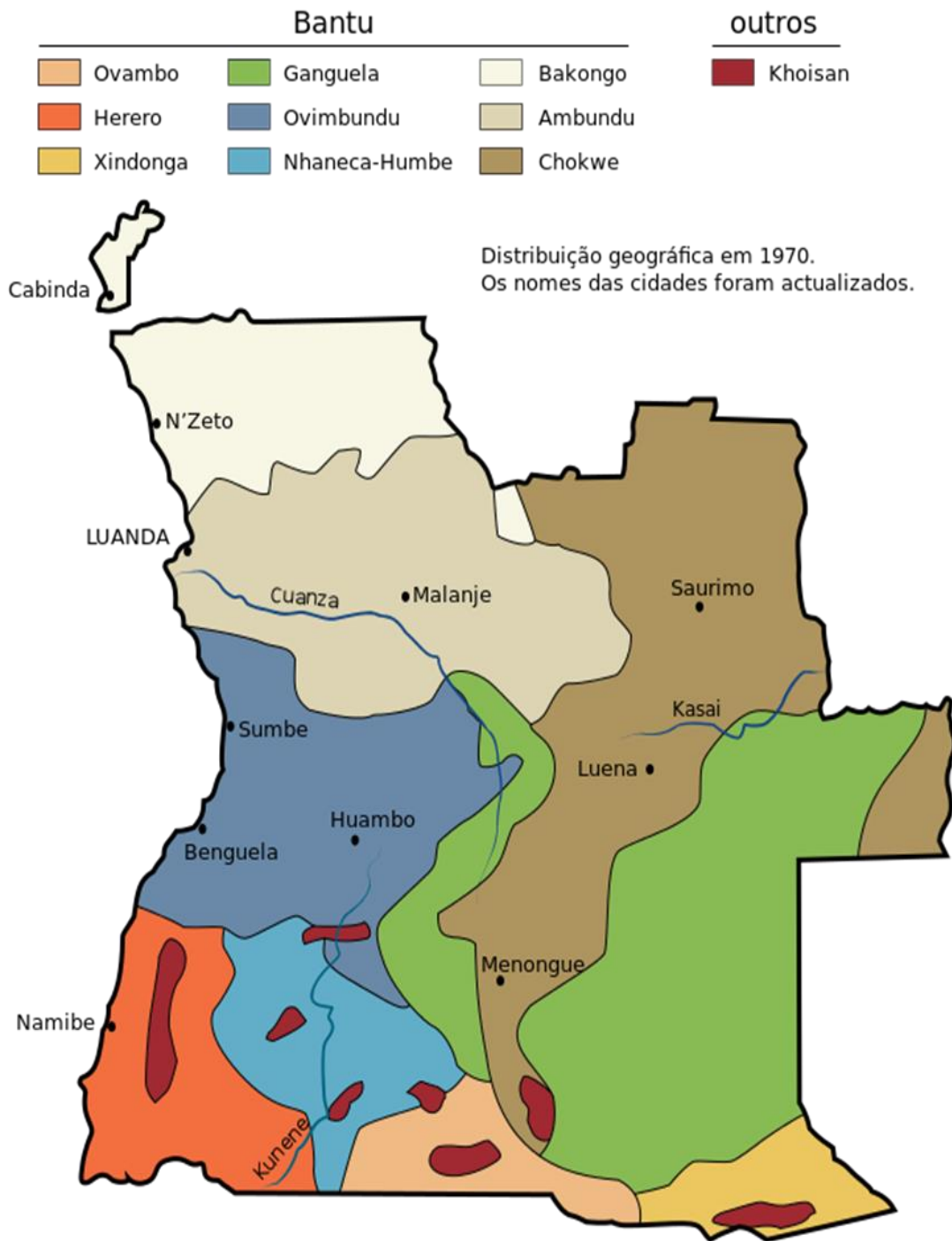
**Anexo 2: Quadro de continuação de exemplos sobre regras do plural dos substantivos em Umbundu e Português (adaptado de Cunha e Cintra, 1999; Estrela *at.al*, 2012; Daniel, 2002 e Dicionário Prático Português- Umbundo, s.d)**

|    | Substantivos       |                    |           |                 |
|----|--------------------|--------------------|-----------|-----------------|
|    | Umbundu            |                    | Português |                 |
|    | Singular           | Plural             | Singular  | Plural          |
| 19 | <b>O-feka</b>      | <b>Olo-feka</b>    | Nação     | <b>Nações</b>   |
| 20 | <b>Otchi-poke</b>  | <b>Ovipoke</b>     | Feijão    | <b>Feijões</b>  |
| 21 | <b>O-si</b>        | <b>Olo-si</b>      | Chão      | <b>Chãos</b>    |
| 22 | <b>Otch-ela</b>    | <b>Ovy-ela</b>     | Eleição   | <b>Eleições</b> |
| 23 | <b>Olu-mema</b>    | <b>Olo-mema</b>    | Grão      | <b>Grãos</b>    |
| 24 | <b>Olu-ngayawe</b> | <b>Olo-ngayawe</b> | Goiaba    | <b>Goiabas</b>  |
| 25 | <b>U-ti</b>        | <b>Ovi-ti</b>      | Arvore    | <b>Árvores</b>  |
| 26 | <b>O-moko</b>      | <b>Olo-moko</b>    | Faca      | <b>Facas</b>    |
| 27 | <b>E-yo</b>        | <b>Ova-yo</b>      | Dente     | <b>Dentes</b>   |
| 28 | <b>E-we</b>        | <b>Ova-we</b>      | Pedra     | <b>Pedras</b>   |
| 29 | <b>E-pya</b>       | <b>Ova-pya</b>     | Campo     | <b>Campos</b>   |



## Anexo 4: Mapa etnolinguístico de Angola

### Grupos étnicos de Angola



Fonte: Wikipédia [http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas\\_de\\_Angola](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_de_Angola)

## Anexo 5: Outras frases inventariadas

1. O processo de moto táxi começou **nos ano** 80. Na altura ainda só havia as yama<sup>19</sup> ..... Eles [os moto-taxistas] ainda não se colocaram a prova a ponto de **estarem sujeito** a **vários acidente**.
2. Não sou a única referencia música na família. Ainda há mias **dois primo** que também cantam. Esses são os meus **primeiro sucesso**.
3. Esse é um concurso que **nós estamo** a organizar não só para **os novo talento**. Não **queremo** só pegar os **novo valor**. As inscrições **estão a ser feita** na casa da juventude.
4. O pai banana está em **várias entrevista** sempre a dizer a mesma coisa
5. Não tenho patrocínio mas tenho **músicas feita**, nas **participações boa**, em.... E **muita gente** que ainda **não estão**.....
6. Ele foi o melhor kudurista de **todos os tempo** a nível nacional, e nestes **últimos momento** da entrevista gostaria de agradecer a senhora Dr.....X
7. **Os melhor apreciador** de ku-duro são **as criança** e quando **as criança** ouvem **palavras obscena** levam para a rua. Por isso **devemo** cantar bem porque **somos jovem**.
8. Afinal naquela altura **estávamos errado** porque pensávamos que estávamos a falar como os portugueses.
9. Na nossa primeira parte vamos falar de **dois bailarino**
10. Esses **novos carro** são **muito resistente**.

**N. B:** Estas expressões foram inventariadas por nós através da rádio e da televisão e também por observação.

---

<sup>19</sup> Yama, de nome completo YAMAHA é uma marca de moto japonesa montada na cidade do Huambo até antes de 1992.